

KALÓ mind

Florianópolis

<https://igrejaaonicolau.org>



INDIÇÃO

UM NOVO ANO SOB O SINAL DA CRUZ

A Indição abre um novo ciclo: tempo, criação e vida novamente oferecidos a Deus.

SACERDOTES DA CRIAÇÃO

Receber o mundo como dom, cuidar e oferecer em ação de graças.

PARA TODOS HÁ LUGAR NO CORPO DE CRISTO

Neurodivergência e o desafio de acolher diferentes maneiras de estar na Igreja.

21 DE SETEMBRO – UMA MEMÓRIA QUE SE TORNOU NACIONAL

Há 143 anos começava, em Florianópolis, uma história hoje celebrada como Dia Nacional do Imigrante Grego.

KALÓ MINA



● EXPEDIENTE

EDITOR

Mons. André Sperandio

WHATSAPP

(48) 3012 1340

REDES SOCIAIS

 facebook.com/paroquiasaonicolau

 instagram.com/igrejaanicolau

E-MAIL

info@igrejaanicolau.org

WEB

www.igrejaanicolau.org

ENDEREÇO

Rua Tenente Silveira, 494
CEP 88010-301 – Centro
FLORIANÓPOLIS – SC (Brasil)

Sacra Arquidiocese de

● Buenos Aires e América
do Sul

S.E.R. Dom Iosif

Arcebispo Metropolitano de Buenos
Aires, Primaz e Exarca da América
do Sul

Bispos auxiliares no Brasil:

S.E.R. Dom Irineo de Tropaion
S.E.R. Dom Meletio de Zela



DIVINA LITURGIA

Aos Domingos, às 10h00, precedida de
Orthros (Ofício de Matinas) às 09h00.

Nesta Edição:

05 CALENDÁRIO LITÚRGICO

O caminho espiritual do mês e as principais celebrações.



08 MEMÓRIA E COMUNHÃO

Aniversários, onomásticos e memórias que unem nossa comunidade.



16 VIDA ECLESIAL

Celebrações, encontros e acontecimentos de nossas comunidades.



24 FILÓPTOKOS

Serviço, caridade e cuidado fraterno em ação.



25 NEOLÉA

Juventude, fé e vida em comunidade



32 OS PIONEIROS

Personagens e memórias da presença grega em Santa Catarina.



37 CONTOS DE KASTELLÓRIZO

Histórias, tradições e lembranças da terra de nossos antepassados.



41 RECEITAS DO KALIMERA

Sabores da tradição helênica transmitidos entre gerações.



COMEÇAR DE NOVO

Caríssimos leitores,

Há uma sabedoria profundamente cristã em poder começar novamente. No dia 1º de setembro, a Igreja abre um novo Ano Eclesiástico.

O tempo retorna às nossas mãos não simplesmente como sucessão de dias, mas como dom de Deus e oportunidade renovada de conversão. Começamos outra vez — trazendo conosco aquilo que vivemos, aquilo que aprendemos e também aquilo que ainda precisa ser transformado.

Talvez seja esse o fio que percorre esta edição de Kaló Mina.

Ao iniciar a Indição, o Patriarca Ecumênico Bartolomeu recorda-nos também nossa responsabilidade diante da criação. O mundo não nos pertence como propriedade absoluta. Recebemo-lo como dom e somos chamados a devolvê-lo a Deus em ação de graças. A Eucaristia ensina justamente esse movimento: receber, agradecer e oferecer.

Setembro coloca também diante de nós a Preciosa e Vivificante Cruz. Nela aprendemos que a força de Deus não se confunde com poder, domínio ou autossuficiência. A Cruz revela a força do amor que se entrega. Até uma antiga fábula de Esopo, sobre o carvalho que resiste e o junco que sabe inclinar-se, pode ajudar-nos a perguntar onde depositamos nossa própria segurança.

Mas um novo tempo começa também dentro da comunidade.

Nesta edição nasce a NEOLÉA, dando voz aos jovens que começam a caminhar juntos, estudar, rezar, servir e descobrir seu lugar na Igreja. Ao mesmo tempo, a presença crescente de jovens neurodivergentes entre nós apresenta-nos outra pergunta necessária: sabemos verdadeiramente acolher as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa pode estar diante de Deus? No Corpo de Cristo, pertença não significa uniformidade.

Também voltamos os olhos para aqueles que vieram antes de nós. Neste 21 de setembro, recordamos os 143 anos da chegada do Capitão Savas Nicolau Savas à Ilha de Santa Catarina — acontecimento que lançou raízes de uma presença helênica que hoje integra a própria memória nacional brasileira. Receber essa história significa assumir também a responsabilidade de transmiti-la.

Talvez seja isso que um novo Ano Eclesiástico nos pede: receber agradecidos aquilo que nos foi confiado e perguntar o que faremos com esse dom.

Recebemos o tempo. Recebemos a criação. Recebemos a fé. Recebemos uma comunidade, uma memória e pessoas concretas para amar. Nada disso nos foi dado simplesmente para possuir.

Que este novo Ano Eclesiástico nos encontre disponíveis para oferecer novamente a Deus aquilo que d'Ele recebemos — transformado em cuidado, serviço, comunhão e ação de graças.

A todos, um abençoado e feliz Ano Novo Eclesiástico!

KALÓ MÍNA!

Mons. André Sperandio

Pároco-reitor



Calendário Litúrgico



O Ano Litúrgico e a beleza do tempo sagrado

✠ VOCÊ SABIA?

ΕΥΜΙΝΑΙΑ ΙΝ
ΑΓΙΟΤΟ: CΕΛΛΙ:



Por que o Ano Litúrgico começa em 1º de setembro?

Na tradição da Igreja, o dia 1º de setembro marca a *Indição*, início do novo Ano Eclesiástico. Herdada do mundo bizantino, essa data coincidia com o encerramento das colheitas e o começo de um novo ciclo da terra.

A Igreja deu-lhe um sentido espiritual: ao iniciar um novo ano, oferece novamente a Deus o tempo e toda a criação, pedindo sua bênção sobre os dias, os trabalhos humanos e os frutos da terra.

Desde 1989, por iniciativa do Patriarcado Ecumênico, 1º de setembro é também dedicado à *Oração pela Proteção do Meio Ambiente*, recordando que a criação é dom de Deus confiado ao cuidado responsável do ser humano.

SETEMBRO: UM NOVO ANO SOB O SINAL DA CRUZ

DA NATIVIDADE DA THEOTOKOS À EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

Setembro ocupa um lugar singular no calendário da Igreja. No primeiro dia do mês, iniciamos um novo Ano Litúrgico, confiando novamente a Deus o tempo, a criação e toda a nossa vida. Não se trata apenas da mudança de uma data: a Igreja nos convida a reconhecer que cada novo ciclo é dom de Deus e oportunidade renovada de conversão e santificação.

Poucos dias depois, em 8 de setembro, celebramos a *Natividade da Santíssima Theotokos*. Com seu nascimento começa a despontar, na história humana, a aurora da salvação: aquela que haveria de oferecer ao Verbo de Deus sua própria humanidade entra no mundo e prepara o caminho para a Encarnação.

No coração do mês, em 14 de setembro, celebramos a *Exaltação Universal da Preciosa e Vivificante Cruz*. Erguida diante dos fiéis, a Cruz deixa de ser sinal de derrota e manifesta-se como árvore da vida, troféu da vitória de Cristo e esperança para toda a criação.

Assim, o primeiro mês do novo Ano Litúrgico já nos revela o caminho que percorreremos: receber de Deus o tempo como dom, contemplar na Theotokos a disponibilidade à sua vontade e colocar no centro de nossa existência a Cruz de Cristo. Setembro nos recorda, enfim, que o tempo da Igreja não é simplesmente uma sucessão de dias. É caminho de salvação: memória das obras de Deus, presença de sua graça e contínuo chamado para que toda a nossa vida seja orientada para o Reino.

DOMINGOS LITÚRGICOS

- **Dia 6 → 14º Domingo de Mateus:** Orthros: Mc 16,9–20 | Ap.: 2Cor 1,21–24; 2,1–4 | Ev.: Mt 22,2–14 | Modo Plagal 1º • Eothinon 3
- **Dia 13 → Domingo Antes da Santa Cruz:** Orthros: Lc 24,1–12 | Ap.: Gl 6,11–18 | Ev.: Jo 3,13–17 | Modo Plagal 2º • Eothinon 4
- **Dia 20 → Domingo após a Santa Cruz:** Orthros: Lc 24,12–35 | Ap.: Gl 2,16–20 | Ev.: Mc 8,34–38; 9,1 | Modo Grave • Eothinon 5
- **Dia 27 → 1º Domingo de Lucas:** Orthros: Lc 24,36–53 | Ap.: 2Cor 6,16–18; 7,1 | Ev.: Lc 5,1–11 | Modo Plagal 4º • Eothinon 6

FESTAS E MEMÓRIAS

Dia 1 → Indição — Início do Ano Eclesiástico.

Dia 8 → Natividade da Santíssima Theotokos.

Dia 9 → Santos e Justos Antepassados de Deus, Joaquim e Ana.

Dia 14 → Exaltação Universal da Preciosa e Vivificante Cruz.

Dia 17 → Santa Sofia e suas filhas Fé, Esperança e Amor.

Dia 23 → Conceção do Santo Profeta, Precursor e Batista João.

Dia 24 → Comemoração do Milagre da Theotokos Myrtdiotissa em Kythira; Santa Tecla, Protomártir e Igual aos Apóstolos.

Dia 26 → Repouso do Santo Apóstolo e Evangelista João, o Teólogo.

Dia 28 → São Caritão (Chariton), o Confessor e Santo Profeta Baruc.

Dia 30 → São Gregório, o Iluminador, Bispo da Armênia.



«O respeito prático pela sacralidade da pessoa humana e o cuidado pela integridade da criação são [...] manifestações vitais da realização eucarística da Igreja e do chamado do ser humano a tornar-se o “sacerdote” da criação.»

† Bartolomeu de Constantinopla
1º de setembro de 2026



UM NOVO ANO, UM RENOVADO COMPROMISSO COM A CRIAÇÃO

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PATRIARCA ECUMÊNICO BARTOLOMEU PARA O INÍCIO DO ANO ECLESIAÍSTICO E O DIA DE ORAÇÃO PELA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Por ocasião do 1º de setembro de 2026, início do novo Ano Eclesiástico e Dia de Oração pela Proteção do Meio Ambiente Natural, Sua Santidade o Patriarca Ecumênico Bartolomeu dirige-se à plenitude da Igreja convidando todos os cristãos a contemplar o tempo e a criação como dons recebidos de Deus e confiados à nossa responsabilidade.

Em sua mensagem, o Patriarca recorda que a crise ecológica contemporânea não pode ser compreendida apenas como um problema ambiental ou técnico. Em sua raiz encontra-se também uma **crise da liberdade humana, da religião e da filosofia, do ethos e da cultura**. Quando o ser humano se afasta da Fonte da Vida e passa a compreender a criação apenas como objeto de domínio, consumo e exploração, essa ruptura interior acaba manifestando-se também na maneira como trata o mundo que o cerca.

Desde 1989, o Patriarcado Ecumênico tem chamado a atenção da Igreja e da sociedade para as dimensões espirituais e éticas da crise ambiental, promovendo iniciativas, simpósios ecológicos e diálogos intercristãos e inter-religiosos. Esse longo testemunho procura mostrar que o cuidado com a criação não constitui uma preocupação estranha à fé cristã, mas nasce da própria maneira pela qual a Igreja compreende a relação entre Deus, o ser humano e o mundo criado.

Por isso, Sua Santidade afirma ser necessária uma verdadeira “*virada copernicana*” em nossa

compreensão do progresso e em nossa atitude diante da natureza. A tradição ortodoxa oferece para isso uma relação **eucarística, ascética e doxológica com a criação**: eucarística, porque recebemos o mundo como dom e o oferecemos novamente a Deus em ação de graças; ascética, porque aprendemos a estabelecer limites aos nossos desejos; e doxológica, porque reconhecemos na beleza e na bondade da criação a obra do Criador. A criação, recorda a mensagem, é aquela que Deus contemplou como “ **muito boa**”.

O Patriarca adverte ainda contra a ilusão de que a Terra possa suportar indefinidamente os encargos e a destruição provocados pela atividade humana ou simplesmente renovar-se, sem limites, diante de nossa exploração. Daí nasce aquilo que denomina “**responsabilidade ecológica**”, um compromisso que deve encontrar expressão nos níveis global, nacional, local e também pessoal.

A mensagem encontra no Evangelho uma imagem particularmente forte para compreender nosso tempo: a parábola do **rico insensato** (Lc 12,17–21), que derruba seus celeiros para construir outros maiores, acumula bens e imagina ter assegurado o próprio futuro. Enquanto esse modelo de acumulação ilimitada orientar a humanidade, afirma o Patriarca, continuaremos comprometendo nossa própria “*casa*”. Consumismo, interesses econômicos, instrumentalização da natureza e necessidades que se tornam insaciáveis revelam uma crise ainda mais profunda dos valores interiores do ser humano.

Diante disso, a resposta cristã não se reduz à denúncia. Sua Santidade aponta a solidariedade como um valor fundamental: solidariedade que gera responsabilidade compartilhada, diálogo, reciprocidade e compromisso comum com a proteção do meio ambiente. O respeito pela dignidade da pessoa humana e o cuidado pela integridade da criação tornam-se, assim, inseparáveis.

É nesse horizonte que a mensagem recupera uma das mais belas imagens da espiritualidade ecológica ortodoxa: o ser humano é chamado a tornar-se “**sacerdote da criação**”. Não proprietário absoluto do mundo, mas aquele que o recebe com gratidão, cuida dele e o oferece ao Criador em ação de graças. Para o Patriarca, essa vocação está profundamente ligada à própria realização eucarística da Igreja.

O fato de 1º de setembro ser cada vez mais reconhecido no mundo cristão como dia dedicado à proteção da criação assume também, segundo a mensagem, um significado de unidade entre os cristãos. Na tradição ortodoxa, a glorificação do “**Artífice de toda a criação**”, justamente no início da Indicção, constitui uma preciosa herança e um permanente chamado ao respeito pelo mundo que Deus confiou às nossas mãos.

Assim, ao iniciar um novo ciclo da vida litúrgica, a Igreja não pede apenas que Deus abençoe os dias que se abrem diante de nós. Somos convidados também a perguntar **como utilizaremos o tempo que nos é concedido e como cuidaremos da criação que recebemos**. Começar um novo Ano Eclesiástico significa, portanto, oferecer novamente a Deus nossa vida, nosso tempo e o mundo que habitamos, procurando fazer deles ocasião de comunhão, responsabilidade, solidariedade e ação de graças.

«O respeito prático pela sacralidade da pessoa humana e o cuidado pela integridade da criação são [...] manifestações vitais da realização eucarística da Igreja e do chamado do ser humano a tornar-se o “sacerdote” da criação.»

† Bartolomeu de Constantinopla
1º de setembro de 2026



REGISTROS VIVOS DA NOSSA COMUNIDADE

DATAS MARCANTES QUE NOS UNEM EM AÇÃO DE GRAÇAS



ANIVERSÁRIOS

- **Dia 1** → Isabela Atherino Neves Fernandes • Máximo (Humberto de Souza) Cardoso • Simone Zanella
- **Dia 2** → Vitória Gabriela Victor • Êntoni Eccel Cattoni
- **Dia 3** → Miguel Diamantaras Gil
- **Dia 5** → Debray Henrique Rivas Rodrigues
- **Dia 6** → Dagoberto Kleinhans • Douglas Souza Améribike
- **Dia 8** → José Carlos Nóbrega Tuma • José Teodoro
- **Dia 10** → Gabriel Geovanni Leite (Júlia)
- **Dia 15** → Demósthene Dimatos • Luiz Fernando Gil
- **Dia 16** → Rafael (filho de Jerjes)
- **Dia 17** → Lucas Santiago Ramos Guimarães • Gio Fabiano Voltolini Júnior
- **Dia 19** → Maria Eduarda Ribeiro Atherino Neves • Suzane Bonkoski de Souza
- **Dia 20** → Fabrício Bonotto Mallmann
- **Dia 21** → Karen Spyrides Boabaid Zupan
- **Dia 22** → Uidine Carla Cordeiro Foldoy
- **Dia 24** → Guilherme Müller Schwambach
- **Dia 26** → Nicolas Karabalis • Thauan Romualdo dos Santos
- **Dia 27** → Christina Atherino Neves Fernandes • Rosemary Melo Digiacomo Chryssovergis
- **Dia 29** → Jamima (Ágatha) Pinto de Oliveira Silva
- **Dia 30** → Nicoli Eccel Cattoni

✠ ONOMÁSTICOS

PRINCIPAIS NOMES COMEMORADOS EM SETEMBRO

- **Dia 1** → Meletios
- **Dia 5** → Zacarias
- **Dia 8** → Déspina
- **Dia 9** → Joaquim
- **Dia 14** → Stavros • Stavroula
- **Dia 16** → Eufêmia
- **Dia 17** → Sofia • Pistis (Fé) • Elpida (Esperança) • Agapi (Amor)
- **Dia 20** → Eustáthios
- **Dia 24** → Tecla
- **Dia 29** → Kyriakos

POR QUE CELEBRAMOS O ONOMÁSTICO?

Receber o nome de um santo significa ser colocado sob sua proteção e inspiração. Por isso, a tradição ortodoxa celebra o dia do santo padroeiro como ocasião especial de ação de graças e renovação espiritual.



MEMÓRIA – MN'HMH

NESTE MÊS, RECORDAMOS:

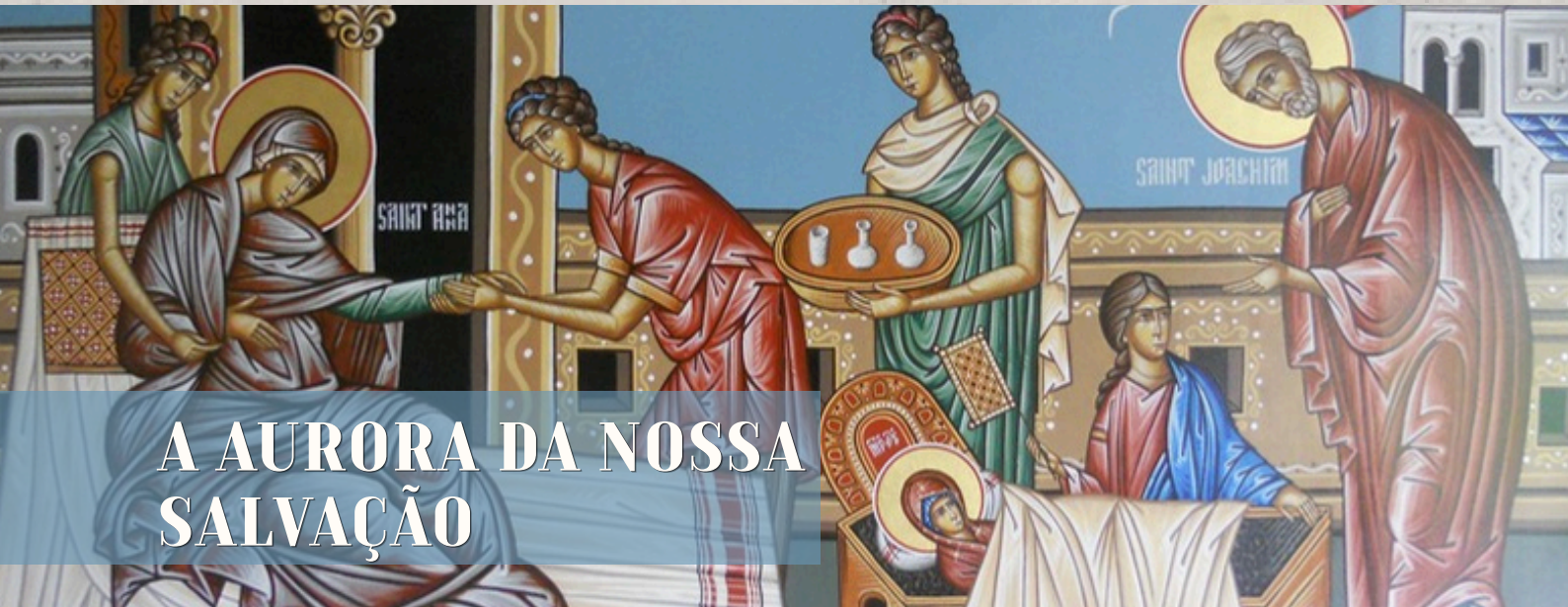
- **7 de setembro de 1996** → há 30 anos: Falecimento do **Sr. George Corfu**, irmão da saudosa D. Maria Corfu.
- **16 de setembro de 1997** → há 29 anos: Falecimento, em Florianópolis, de **Kyrana André Atherino**.
- **19 de setembro de 1975** → há 51 anos: Casamento de **Alceu Neves e Maria Atherino**.
- **20 de setembro de 1990** → há 36 anos: Adormecimento no Senhor de **D. Anastácia Pítsica**, mãe de Catarina, Nicolau e Savas Apóstolo Pítsica.
- **21 de setembro de 1883** → há 143 anos: **Capitão Savas Nicolau Savas** chega pela primeira vez ao continente sul-americano. No regresso de Montevideu, aporta na Ilha de Santa Catarina e deixa em Desterro alguns dos gregos que o acompanhavam, lançando as primeiras raízes da presença helênica local. A data tornou-se o marco histórico da Coletividade Helênica de Santa Catarina e, desde 2024, é celebrada em todo o Brasil como **Dia Nacional do Imigrante Grego**, instituído pela Lei Federal nº 14.884/2024.



Mistério Celebrado



A fé da Igreja celebrada e vivida



A AURORA DA NOSSA SALVAÇÃO

A NATIVIDADE DA SANTÍSSIMA THEOTOKOS, PRIMEIRA GRANDE FESTA DO ANO ECLESIAÍSTICO

No dia 8 de setembro, poucos dias depois do início do novo Ano Eclesiástico, a Igreja celebra sua primeira grande festa: a **Natividade de nossa Santíssima Senhora, a Theotokos e Sempre Virgem Maria**. Não é por acaso que o novo ciclo litúrgico começa colocando diante de nossos olhos um nascimento. Antes de Belém, da Cruz e da Ressurreição, somos conduzidos à alegria dos justos **Joaquim e Ana** pelo nascimento de sua filha.

A tradição da Igreja contempla esse acontecimento à luz de toda a economia da salvação. Joaquim e Ana haviam conhecido a dor da esterilidade, mas permaneceram na esperança. O nascimento de Maria anuncia que Deus continua agindo mesmo onde os limites humanos parecem ter pronunciado a última palavra. Da esterilidade nasce aquela que se tornará Mãe; e dela virá ao mundo, segundo a carne, **Cristo, o Doador da Vida**.

O **Tropário da festa** oferece-nos a chave para compreender o mistério: a Natividade da Theotokos anuncia alegria a todo o universo porque **dela resplandeceu o Sol da Justiça, Cristo nosso Deus**. Maria é como a aurora que anuncia o dia que se aproxima. Toda a sua existência encontra sentido em Cristo e aponta para Ele.

A criança que hoje contemplamos será aquela que responderá livremente ao anúncio do Arcanjo: **«Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra»** (Lc 1,38). Nela, a liberdade humana acolherá a iniciativa divina, e o Verbo de Deus receberá a humanidade que assumirá para nossa salvação.

Há, portanto, uma bela pedagogia no início do Ano Eclesiástico. Deus nos concede novamente o tempo e começa mostrando-nos que sua obra frequentemente cresce **no silêncio, no pequeno e no escondido**. Aos olhos do mundo, vemos apenas o nascimento de uma menina; aos olhos da fé, começa a despontar a **aurora da salvação**.

Celebrando o nascimento da Mãe de Deus, a Igreja já dirige nosso olhar para Cristo. A antiga tristeza começa a dar lugar à alegria, a esterilidade torna-se fecundidade e, no horizonte da humanidade, anuncia-se Aquele que vencerá a morte e nos concederá a Vida.

Deus começa no silêncio

A primeira grande festa do novo Ano Eclesiástico não nos apresenta um acontecimento grandioso aos olhos do mundo. Apresenta-nos **uma criança**.

Ainda não vemos Belém, a Cruz ou o túmulo vazio. Vemos Maria nos braços de Joaquim e Ana.

Deus começa no pequeno e no silêncio. Naquela criança, porém, a Igreja já contempla aquela que acolherá o Verbo eterno e O oferecerá ao mundo.

Nasce a Theotokos. A aurora anuncia que o Sol está próximo.

Mistério Celebrado

A fé da Igreja celebrada e vivida

A ESCADA ENTRE O CÉU E A TERRA

Como a Igreja lê a Natividade da Theotokos à luz de toda a história da salvação

A Natividade da Santíssima Theotokos não aparece isolada na vida litúrgica da Igreja. Para compreendê-la, somos convidados a contemplá-la dentro da longa história da salvação: das promessas do Antigo Testamento à Encarnação do Verbo.

A tradição apresenta os justos **Joaquim e Ana** como um casal já avançado em idade e marcado pela dor de não ter filhos. Apesar do sofrimento e da incompreensão que experimentavam, permaneceram confiantes na vontade de Deus e perseverantes na oração. A esterilidade que parecia encerrar sua história torna-se, pela graça divina, lugar de uma nova esperança.

Deus escuta sua súplica. E-lhes anunciado o nascimento de uma filha, **Maria**, aquela que todas as gerações chamariam bem-aventurada e que ocuparia um lugar único no cumprimento da promessa divina.

Não celebramos, portanto, apenas a alegria de Joaquim e Ana pelo nascimento de uma criança. A Igreja contempla naquele acontecimento aparentemente doméstico um momento decisivo da **economia da salvação**. Nasce aquela que oferecerá livremente sua humanidade para que o Verbo eterno de Deus assuma nossa natureza e habite entre nós.

**A Escada de Jacó**

Essa compreensão aparece de maneira particularmente bela nas leituras das **Vésperas da festa**.

A primeira leitura, tomada do Gênesis (28,10-17), recorda o sonho do Patriarca Jacó.

Ele contempla uma escada que une a terra ao céu, pela qual os anjos de Deus sobem e descem. Ao despertar, exclama diante daquele lugar:

«Quão terrível é este lugar!
É a casa de Deus e a porta do céu.»

A tradição litúrgica contempla nessa imagem uma prefiguração da Theotokos.

Maria torna-se aquela **escada entre o céu e a terra**, porque nela acontece de modo incomparável o encontro entre Deus e a humanidade. Em seu ventre, o Verbo incriado assume nossa carne. Aquela que carregará Deus torna-se verdadeiramente **“Casa de Deus” e “Porta do Céu”**.

Não porque Maria substitua Cristo ou seja a fonte da salvação. Ao contrário: toda a sua grandeza procede do mistério daquele que nela habitará. **A escada existe para que o Céu encontre a terra; Maria existe inteiramente em relação a Cristo.**

O fim da esterilidade

Há ainda outra imagem que atravessa a festa.

Joaquim e Ana eram estéréis. A humanidade, ferida pelo pecado e pela morte, também se tornara incapaz de encontrar por suas próprias forças o caminho para a Vida.

Por isso, o **Kontákion da festa** une a história daquele casal à história de toda a humanidade: Joaquim e Ana são libertados da esterilidade, enquanto Adão e Eva são libertados da corrupção da morte.

A fecundidade concedida a Ana torna-se, assim, sinal de uma fecundidade muito maior que se aproxima. **Daquela que nasceu de uma mulher estéril nascerá Aquele que destruirá a morte.**

E é por isso que a Natividade da Theotokos é uma festa de alegria universal.

A criança que contemplamos ainda não pronunciou seu **«Faça-se em mim segundo tua palavra»**. Ainda não chegou Nazaré. Ainda não chegou Belém.

Mas a promessa começa a tomar forma.

Nasceu a Theotokos.
A Porta começa a abrir-se.
A Escada está sendo preparada.
O Sol da Justiça aproxima-se.



SACERDOTES DA CRIAÇÃO

A Eucaristia nos ensina a receber o mundo como dom e a oferecê-lo novamente a Deus em ação de graças

No dia 1º de setembro, a Igreja inicia um novo Ano Eclesiástico e, desde 1989, por iniciativa do Patriarcado Ecumênico, dedica este dia também à oração pela proteção de toda a criação. Não se trata simplesmente de acrescentar uma preocupação ambiental ao calendário da Igreja. Há aqui uma questão profundamente espiritual: **como nós, cristãos, olhamos para o mundo que Deus criou?**

O saudoso **Metropolita Ioannis Zizioulas de Pérgamo** encontrou na própria Eucaristia uma resposta particularmente bela. O ser humano não foi chamado a comportar-se como proprietário absoluto da criação, mas a assumir diante dela uma **vocação sacerdotal**. Isso significa reconhecer o mundo como dom recebido de Deus e reconduzi-lo ao Criador em liberdade, comunhão e ação de graças.

Na Divina Liturgia, esse movimento torna-se visível de maneira muito concreta. Levamos ao altar coisas extremamente simples: **pão e vinho**. Neles, porém, está simbolicamente presente toda a criação: a terra, a chuva, o sol, o trigo, a videira e também o trabalho das mãos humanas. E, no coração da Anáfora, proclamamos:

«O que é teu, recebendo-o de Ti, nós Te oferecemos por todos e por tudo.»

Nessa breve oração encontra-se uma maneira inteiramente diferente de compreender nossa relação com o mundo. Primeiro **recebemos**: reconhecemos que a existência, a terra e seus frutos não começam em nós, mas nos são dados. Depois **agradecemos** — e *Eucharistía* significa precisamente ação de graças. Finalmente **oferecemos**: em vez de retermos o mundo para nós mesmos, elevamo-lo novamente ao Criador.



É nesse movimento que Zizioulas reconhece a vocação sacerdotal do ser humano. A resposta cristã aos sofrimentos da criação não nasce, portanto, apenas do medo diante de sua destruição, mas de uma verdadeira **conversão de nossa relação com o mundo**. Se vemos a criação apenas como propriedade, perguntamos quanto ainda podemos retirar dela. Se a reconhecemos como dom, aprendemos a perguntar como podemos recebê-la com gratidão, utilizá-la com sobriedade e transmiti-la sem destruí-la.

Por isso, é profundamente significativo que o início do Ano Eclesiástico esteja associado à oração pela criação. Antes de ser uma questão de técnicas ou programas, o cuidado com o mundo exige também um **olhar purificado**. Somos convidados a abandonar a atitude daquele que simplesmente possui e consome para aprender novamente a atitude daquele que recebe, agradece e oferece.

Talvez possamos resumir assim o primeiro aprendizado espiritual deste novo Ano Eclesiástico:

Talvez possamos resumir assim o primeiro aprendizado espiritual deste novo Ano Eclesiástico: **receber com gratidão, usar com sobriedade, oferecer com amor. Porque a criação não nos foi entregue simplesmente para que a possuíssemos; foi-nos confiada para que, em Cristo, pudesse tornar-se ação de graças.**



Vivendo a Ortodoxia

Pequenas luzes para quem começa a trilhar o caminho da fé ortodoxa

TER A MENTE DE CRISTO

Aprender a pensar, olhar e viver segundo o Evangelho

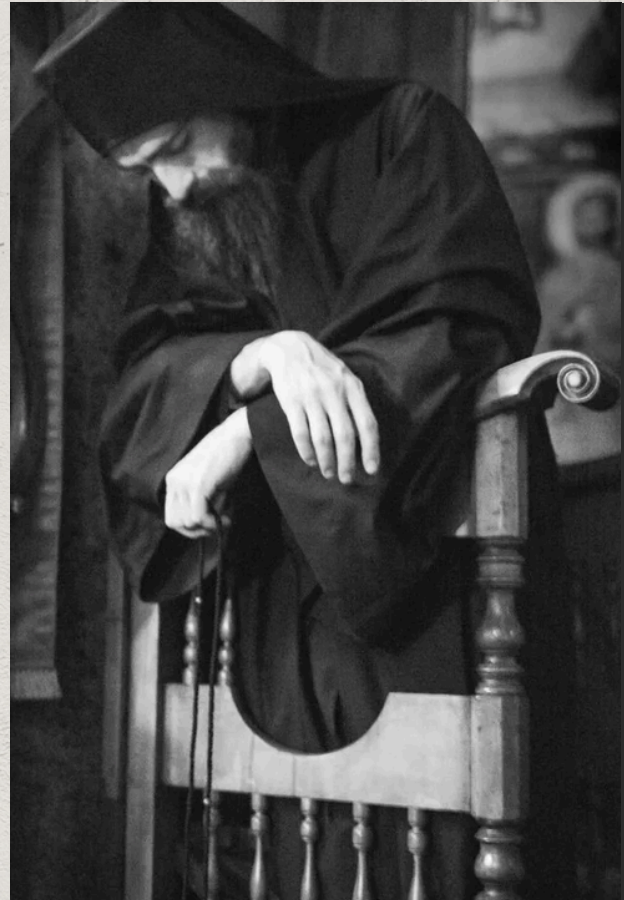
Nós temos a mente de Cristo” (1Cor 2,16).

A afirmação de São Paulo pode parecer ousada. Ter a mente de Cristo, porém, não significa conhecer tudo o que Deus conhece, nem simplesmente imaginar o que Jesus faria diante de cada situação. Na experiência da Igreja, significa **permitir que nossa maneira de pensar, julgar, escolher e amar seja progressivamente transformada pela graça de Deus.**

São João Crisóstomo, comentando essa passagem, ensina que aquilo que verdadeiramente conhecemos de Deus não nasce simplesmente de nossa inteligência, mas nos é comunicado pelo Espírito Santo. **A mente de Cristo é, portanto, antes de tudo, dom e participação.**

Essa transformação exige também atenção ao que acontece dentro de nós. A tradição espiritual ortodoxa fala frequentemente dos *logismói*, os pensamentos que surgem e procuram ocupar o coração. São Teófilo, o Recluso, e São Paisios do Monte Athos recordam que não devemos acreditar ou dar acolhida a todo pensamento. Alguns nos conduzem à gratidão, à humildade e à paz; outros alimentam julgamento, ressentimento, orgulho ou desânimo. **A vida espiritual requer, por isso, vigilância e discernimento.**

Mas adquirir a mente de Cristo não significa apenas substituir pensamentos ruins por pensamentos melhores. **São Sofrônio de Essex** conduz-nos ainda mais profundamente: aprendemos a pensar segundo Cristo quando começamos a **viver segundo seus mandamentos.** Quanto mais o Evangelho deixa de ser apenas algo que conhecemos e passa a orientar concretamente nossas escolhas, mais nossa própria maneira de compreender a vida vai sendo transformada.



Por isso, a mente de Cristo não se adquire isoladamente. Ela se forma na **oração**, no silêncio interior, na leitura das **Sagradas Escrituras**, no arrependimento, na prática dos mandamentos e na participação nos **Santos Mistérios da Igreja.** A própria Divina Liturgia torna-se uma escola: nela aprendemos a agradecer, a oferecer, a perdoar, a colocar o outro diante de nós e a confiar nossa vida a Deus.

Talvez uma pergunta simples possa acompanhar-nos diariamente: **que pensamentos estou permitindo habitar em mim?**

E, diante de nossas escolhas, relacionamentos e dificuldades, podemos acrescentar outra: **como Cristo me ensina a olhar para isto?**

Adquirir a mente de Cristo é um caminho para toda a vida. Pouco a pouco, pela graça do Espírito Santo, já não desejamos apenas conhecer aquilo que Cristo ensinou. Desejamos que seu modo de olhar, amar e viver se torne também o nosso.

“Aprendemos a pensar segundo Cristo quando começamos a viver segundo seus mandamentos.”

— inspirado nos ensinamentos de São Sofrônio de Essex



O CARVALHO E O JUNCO

Uma antiga fábula grega sobre força, fragilidade e sabedoria

Um grande carvalho crescia às margens de um rio. Alto, robusto e profundamente enraizado, estava acostumado a enfrentar os ventos sem se curvar. Próximo dele cresciam pequenos juncos que, ao menor sopro, inclinavam-se quase até tocar a água.

O carvalho não compreendia aquela aparente fragilidade. Como podiam plantas tão frágeis sobreviver onde ele, forte e imponente, enfrentava os ventos permanecendo erguido?

Certo dia, porém, veio uma grande tempestade. Os ventos sopraram com violência. Os juncos se dobraram, acompanharam a força do vento e, passada a tormenta, voltaram a erguer-se. O carvalho, ao contrário, resistiu com toda a sua força.

Não quis ceder. Até que uma rajada mais violenta arrancou-o pela raiz e lançou-o ao chão.

Assim, em uma de suas antigas fábulas, a tradição atribuída a **Esopo** coloca frente a frente duas imagens muito simples: a árvore poderosa que não se dobra e o pequeno junco que parece fraco justamente porque sabe inclinar-se.

Como acontece tantas vezes nas **fábulas esópicas**, são necessários poucos personagens e poucas palavras para formular uma pergunta que permanece atual: **o que significa verdadeiramente ser forte?**

A força que precisa demonstrar sua força

À primeira vista, não há dúvida sobre quem é o mais forte. O carvalho possui tronco sólido, raízes profundas e uma aparência que inspira segurança. O junco é fino, leve, vulnerável.

Mas chega a tempestade — e as aparências começam a mudar.



O velho fabulista grego nos deixa uma pergunta sobre a força. A Cruz revela onde encontrá-la.

O problema do carvalho não está em possuir força. Está em confiar de tal maneira nela que já não consegue reconhecer seus próprios limites. Diante daquilo que é maior do que ele, sua única resposta é resistir.

O junco, ao contrário, não vence a tempestade. Ele simplesmente reconhece que não pode enfrentá-la como se fosse mais poderoso que o vento.

Ele se dobra — e **permanece**.

É fácil compreender por que uma história tão pequena atravessou tantos séculos. Também nós somos frequentemente educados para associar força à capacidade de impor-se, resistir, controlar e jamais demonstrar fragilidade. Admitir limites parece fraqueza. Pedir ajuda pode parecer derrota. Ceder pode ser interpretado como fracasso.

Esopo, porém, desconcerta essa lógica. Às vezes, justamente aquele que precisa demonstrar permanentemente sua força revela-se mais vulnerável do que imaginava.

Há uma sabedoria na humildade.



Uma antiga sabedoria diante da Cruz

Seria um erro transformar Esopo em um autor cristão antes do cristianismo. A fábula pertence ao universo da antiga sabedoria grega e deve ser escutada primeiro dentro desse horizonte. Mas um cristão que a lê não pode deixar de perceber como sua pergunta sobre força e fragilidade encontra, séculos mais tarde, uma resposta inesperada no coração do Evangelho.

Neste mês de setembro, a Igreja celebra a **Exaltação Universal da Preciosa e Vivificante Cruz**.

E diante da Cruz todas as nossas ideias habituais sobre poder parecem ser colocadas em questão.

Cristo não vence impondo-se aos seus algozes. Não responde à violência com uma violência maior. Não desce da Cruz para demonstrar seu poder. Aquele que poderia salvar-Se aceita entregar-Se.

Aos olhos do mundo, é fraqueza.

Para a Igreja, porém, justamente ali manifesta-se a vitória.

São Paulo compreendeu profundamente esse paradoxo quando escreveu:

“*A fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.*” (1Cor 1,25)

A Cruz não glorifica a fraqueza pela fraqueza, nem ensina o cristão a aceitar passivamente toda injustiça. Ela revela algo muito mais profundo: **a verdadeira força não precisa provar-se pela dominação**. Em Cristo, o poder manifesta-se como amor capaz de oferecer-se livremente.

Por isso, aquilo que parecia instrumento de humilhação torna-se sinal de vitória. Aquilo que parecia derrota torna-se caminho para a Ressurreição. E a madeira da Cruz, que deveria anunciar morte, é cantada pela Igreja como **Árvore da Vida**.

Aprender a dobrar-se sem quebrar

Talvez a antiga imagem do junco possa então nos fazer uma pergunta.

Quantas vezes nosso sofrimento não vem simplesmente das tempestades que enfrentamos, mas de nossa necessidade de **não nos dobrarmos diante de nada?**

Queremos controlar acontecimentos que não dependem de nós. Temos dificuldade de reconhecer um erro. Defendemos nossas opiniões mesmo quando percebemos que ferimos alguém. Resistimos a pedir perdão. Escondemos nossas fraquezas. Às vezes, até diante de Deus, queremos permanecer como o grande carvalho: firmes, autossuficientes, capazes de sustentar tudo sozinhos.

A vida espiritual ensina outro caminho.

Ajoelhar-se não diminui o ser humano.

Dizer “*Senhor, tem piedade*” não é declaração de derrota.

Reconhecer que precisamos de Deus não nos torna menores.

Ao contrário: talvez seja justamente quando deixamos de sustentar a ilusão de nossa autossuficiência que começamos a descobrir onde está nossa verdadeira força.

São Paulo, depois de pedir ao Senhor que o libertasse de sua própria fraqueza, ouviu como resposta: “*Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que o poder se aperfeiçoa.*” E pôde então dizer uma das frases mais surpreendentes do Novo Testamento:

“*Quando sou fraco, então é que sou forte.*” (2Cor 12,10)

Esopo não conheceu a Cruz de Cristo. Sua pequena fábula fala a partir de outro mundo e de outra experiência. Mas talvez por isso mesmo seja tão bonito colocá-la diante da Cruz neste mês de setembro.

O velho fabulista grego nos deixa uma pergunta sobre a força. E a **Cruz revela onde encontrá-la**.

Nem sempre o mais forte é aquele que permanece rigidamente de pé. Há uma força que nasce da humildade, uma sabedoria que começa quando reconhecemos nossos limites e uma liberdade que somente aparece quando já não precisamos provar continuamente nossa própria grandeza.

O carvalho confiava na própria força e caiu.

O junco inclinou-se diante da tempestade — e permaneceu.

E o cristão, olhando para a Cruz, descobre algo ainda maior: é quando se inclina diante de Deus que o ser humano não se diminui, mas encontra n'Ele a força para permanecer de pé.



Palavras da Tradição



Um glossário com a linguagem da nossa Fé Ortodoxa



PALAVRAS PARA COMEÇAR UM NOVO ANO

Um glossário entre a criação, a Cruz e a comunhão

1. ἸΝΔΙΚΤΙΩΝ (INDIKTIÓN) — INDIÇÃO

Termo de origem administrativa romana que passou à tradição eclesiástica bizantina. Na Igreja Ortodoxa, 1º de setembro marca o início da Indição e do novo Ano Eclesiástico: ocasião para oferecer novamente a Deus o tempo, a vida e toda a criação.

2. ΚΤΙΣΙΣ (KTÍISIS) — CRIAÇÃO

Significa aquilo que foi criado. Na fé cristã, o mundo não é propriedade absoluta do ser humano, mas obra de Deus, recebida como dom. Por isso, cuidar da criação é também aprender a relacionar-se corretamente com o Criador e com os outros.

3. ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑ (EFCHARISTÍA) — AÇÃO DE GRAÇAS

Literalmente, “ação de graças”. É também o nome pelo qual designamos o Mistério do Corpo e Sangue de Cristo. Na Eucaristia, a Igreja recebe os dons da criação e os oferece novamente a Deus: «O que é teu, recebendo-o de Ti, nós Te oferecemos por todos e por tudo».

4. ΣΤΑΥΡΟΣ (STAVRÓS) — CRUZ

Instrumento de morte que, pela Paixão e Ressurreição de Cristo, tornou-se sinal de vitória e Árvore da Vida. Na Cruz, a Igreja contempla o paradoxo do Evangelho: o poder de Deus manifesta-se no amor que se oferece.

5. ὙΨΩΣΙΣ (HÝPSOSIS) — EXALTAÇÃO

Significa elevação. Em 14 de setembro celebramos a Exaltação Universal da Preciosa e Vivificante Cruz, recordando sua elevação diante dos fiéis e proclamando: «Diante de tua Cruz nos prostramos, ó Soberano, e glorificamos tua santa Ressurreição».

6. ΚΟΙΝΩΝΙΑ (KOINONÍA) — COMUNHÃO

Participação, vínculo, partilha. Na Igreja, comunhão não significa que todos sejam iguais, mas que pessoas diferentes participam da mesma vida em Cristo. É uma palavra particularmente importante quando pensamos em juventude, acolhimento e neurodivergência.

7. ΦΙΛΟΞΕΝΙΑ (PHILOXENÍA) — HOSPITALIDADE

Literalmente, “amor ao estrangeiro”. Na tradição cristã, é mais que cordialidade: significa abrir espaço para receber o outro. A hospitalidade torna-se expressão concreta da comunhão quando aquele que chega deixa de ser apenas visitante e encontra lugar entre nós.

8. ΠΑΝΗΓΥΡΙΣ (PANÍGYRIS) — FESTA, ASSEMBLEIA FESTIVA

Na tradição grega, designa uma celebração festiva que reúne a comunidade em torno de uma grande festa, normalmente ligada ao santo ou à dedicação de uma igreja. Liturgia, convivência, hospitalidade e alegria comunitária encontram-se no Panígyri: a festa não pertence apenas ao indivíduo, mas reúne o povo.



Quinta-feira, 6 de agosto:

FESTA DA TRANSFIGURAÇÃO DE NOSSO SENHOR

A comunidade celebrou solenemente a **Santa Transfiguração de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo**, em presidida por **Dom Irineo** e concelebrada pelo **Arquimandrita Mons. André Sperandio**. A grande festa do Senhor nos conduziu novamente ao mistério do **Monte Tabor**, onde os discípulos contemplaram, tanto quanto lhes era possível, a glória divina de Cristo. Que a luz do Cristo Transfigurado fortaleça nossa fé e renove nossa esperança.



Domingo, 2 de agosto:

IX DOMINGO DE SÃO MATEUS

Na Divina Liturgia do IX Domingo de São Mateus, celebrada juntamente com a memória da Trasladação das Relíquias do Santo Protomártir Estêvão, contemplamos Cristo caminhando sobre as águas e estendendo a mão a Pedro: «*Coragem! Sou Eu. Não tenhas medo!*» A celebração foi também marcada pela **alegria de rever Doglas e Bia, acompanhados de seu primogênito, Bento Serafim**, depois de um longo período afastados de Florianópolis. A família, que atualmente reside em outra região, compartilhou conosco o desejo de ver a fé ortodoxa lançar raízes também na Fronteira, onde está construindo uma nova etapa de sua vida. Que o Senhor abençoe seus caminhos e conserve a família na fé e na comunhão da Igreja.





Sábado, 8 de agosto:

BATISMO DE SERAFIMA

Nossa comunidade viveu a alegria de acolher uma nova filha da Igreja. Serafima Prikaznova, nascida em Florianópolis em 27 de junho, filha de Stanislav Prikaznov e Tatiana Prikaznova, recebeu o Santo Mistério do Batismo na Igreja São Nicolau, tendo como padrinhos Stepan Prikaznov e Liudmila Rulimova. Após o Batismo, foi ungida com o Santo Crisma, sendo plenamente incorporada à vida sacramental da Igreja. No domingo seguinte, 9 de agosto, Serafima foi conduzida pela primeira vez ao Santo Cálice e recebeu a Sagrada Eucaristia. Com seus pais e padrinhos, damos graças a Deus e pedimos que o Senhor a faça crescer na fé e na comunhão com Cristo.

Domingo, 9 de agosto:

X DOMINGO DE SÃO MATEUS

No **X Domingo de São Mateus**, o Evangelho (Mt 17,14-23) apresentou-nos o encontro de Cristo com o pai que suplica pela cura de seu filho. Em sua homilia, Mons. André relacionou essa passagem à recente Festa da Transfiguração, recordando que **a experiência do Monte Tabor não nos afasta da realidade: fortalece-nos para descer a montanha e servir.** Assim como Cristo vai ao encontro do sofrimento humano, também os cristãos são chamados a levar a luz recebida de Deus àqueles que necessitam de consolo, presença e esperança.

Ao final da Divina Liturgia, **Máximo (Humberto) e Macrina (Beatriz), acompanhados de sua pequena Emília,** ofereceram pães para a celebração da **Artoklasia**, em ação de graças pelas muitas bênçãos recebidas na vida daquela família. A **oração de bênção dos pães** tornou-se, assim, expressão concreta de ação de graças da família e, ao mesmo tempo, de toda a comunidade, que se uniu à sua oração.





Sábado, 15 de agosto:

DORMIÇÃO DA SANTÍSSIMA THEOTOKOS



Na Festa da **Dormição da Santíssima Theotokos**, a comunidade reuniu-se para celebrar aquela que, sendo Mãe da Vida, é conduzida por seu Filho à Vida. Em sua homilia, Mons. André chamou a atenção para a beleza do ícone da festa: em Belém, Maria traz Cristo em seus braços; na Dormição, Cristo é quem acolhe nos braços a alma de sua Mãe. Recordou ainda que a bem-aventurança da Theotokos está também em ter ouvido e guardado a Palavra de Deus, fazendo de toda a sua existência uma resposta ao chamado divino: *«Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra»*.



Domingo, 16 de agosto:

XI DOMINGO DE SÃO MATEUS

O Evangelho do servo impiedoso colocou no centro da Divina Liturgia o **mistério do perdão e da misericórdia**. Em sua reflexão, Mons. André recordou que a resposta de Cristo à pergunta de Pedro não estabelece simplesmente uma quantidade de vezes para perdoar, mas propõe uma nova maneira de viver. **Se nossa própria existência é sustentada pela misericórdia divina, também somos chamados a oferecê-la aos outros.** Ao recebermos de Cristo perdão, graça e comunhão, somos enviados a levar essa mesma misericórdia às nossas famílias e às relações de cada dia.





Domingo, 23 de agosto:

XII DOMINGO DE SÃO MATEUS E MNIMÓSINO POR JOSÉ NEWTON SZPOGANICZ

Familiares, amigos e membros da Coletividade Grega de Florianópolis reuniram-se para a Divina Liturgia e, ao seu término, para o Μνημόσυνο (Mnimósino) no 9º dia do adormecimento no Senhor de José Newton Szpoganicz. Foi uma ocasião de oração e gratidão por aquele que, ao lado de sua esposa, a saudosa D. Issodia Kotzias Szpoganicz, de seus filhos e netos, esteve durante tantos anos fraternalmente próximo da Associação Helênica de Santa Catarina e da Igreja São Nicolau. Sua amizade e presença foram recordadas com carinho por familiares, amigos e pela comunidade reunida em sua memória.

Αἰωνία ἡ μνήμη. Memória eterna!





Terça-feira, 25 de agosto:

PARÁKLESIS A SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA

A Capela Santa Catarina de Alexandria, adjacente ao Tribunal de Justiça de Santa Catarina, acolheu mais uma celebração do Cânon de Súplica (Paráklesis) à Santa Grande Mártir Catarina de Alexandria, presidida por Mons. André Sperandio. Dando continuidade ao ciclo mensal iniciado em julho, fiéis reuniram-se para um momento de oração e recolhimento, confiando à intercessão da Santa as necessidades pessoais e familiares e todos aqueles que exercem suas atividades no âmbito da Justiça catarinense. A iniciativa constitui uma presença pastoral e litúrgica da Igreja Ortodoxa naquele espaço.

Santa Grande Mártir Catarina, intercede a Deus por nós!



Domingo, 30 de agosto:

XIII DOMINGO DE SÃO MATEUS: MEMÓRIA, ACOLHIDA E CONTINUIDADE

A Divina Liturgia do XIII Domingo de São Mateus reuniu momentos especialmente significativos para a vida da Igreja São Nicolau. A celebração contou com a presença e concelebração do Arquimandrita Dmétrio, Abade do Monastério da Apresentação do Senhor, de Urusapucaí, Paraguai.

Durante a Liturgia, Daniel foi recebido na plenitude da vida da Igreja Ortodoxa pelo Santo Mistério da Crisma, dando um passo decisivo em seu caminho de fé e comunhão eclesial. A comunidade acolheu também com alegria Tim Hufnagel, jovem alemão de 25 anos, proveniente de uma família de tradição protestante e batizado ainda na infância na Igreja Evangélica de Raidwangen, em Baden-Württemberg. Durante sua permanência no Brasil, Tim aproximou-se da Igreja São Nicolau e, neste domingo, foi recebido em nossa comunidade, dando início ao seu caminho de preparação e aprofundamento na fé ortodoxa por meio do Catecumenato.

Ao término da celebração, foi realizado o **Mnimósino** pelos **31 anos do adormecimento no Senhor de Iconomos Atherino (1925–1995)**. Em pronunciamento, o vice-presidente da Associação Helênica de Santa Catarina, **Henrique Verçoza**, recordou a trajetória daquele que pertenceu a uma geração decisiva para a preservação da presença helênica e ortodoxa em Florianópolis. Destacou sua atuação, já em 1957, como secretário da Irmandade Greco-Ortodoxa São Nicolau, os muitos anos em que recebeu da comunidade responsabilidades de liderança e sua participação no esforço daqueles que trabalharam para preservar a fé, reunir as famílias e tornar possível a consolidação da Igreja São Nicolau.



Em suas palavras, Henrique ressaltou ainda que recordar os pioneiros não significa simplesmente voltar ao passado, mas assumir a responsabilidade de transmitir aquilo que deles recebemos: **uma Igreja sonhada e construída por outras gerações, uma comunidade mantida viva e uma herança de fé, identidade e memória que cabe hoje a todos nós acolher, preservar e transmitir às gerações que virão.**

D. Maria Atherino Neves, filha de Iconomos e presença constante na vida da comunidade, agradeceu, em nome da família, a homenagem, as orações e o carinho de todos os presentes.

Após a tradicional fotografia reunindo a comunidade ao final da Liturgia, o encontro prolongou-se na Casa Paroquial, onde os jovens partilharam momentos de convivência fraterna, que antecederam a comemoração do aniversário de Pedro Henrique.

Foi, assim, um domingo em que memória e continuidade se encontraram de maneira particularmente expressiva: recordamos aqueles que ajudaram a edificar nossa comunidade; acompanhamos aqueles que hoje dão novos passos no caminho da fé; acolhemos irmãos que chegam até nós; e vimos, na convivência das novas gerações, uma história que permanece viva e continua a ser construída.

Αἰωνία ἡ μνήμη! Memória eterna!





Vida Eclesial



A Comunidade em Movimento





PARA TODOS HÁ LUGAR NO CORPO DE CRISTO

Neurodivergência, acolhimento e um novo desafio pastoral para nossas comunidades

Nos últimos tempos, uma realidade começou a chamar nossa atenção: a aproximação de jovens neurodivergentes, especialmente pessoas no espectro autista, que encontraram na Igreja Ortodoxa um lugar onde desejam rezar, aprender, participar e pertencer.

Recentemente, descobrimos que experiência semelhante acontece em uma comunidade ortodoxa no Rio de Janeiro. Ali, a presença significativa de jovens autistas levou o Pe. Spiridon Chasse, juntamente com uma psicopedagoga, a estudar mais atentamente a relação entre neurodivergência, vida eclesial e participação litúrgica. Desse trabalho nasceu uma reflexão que oferece um princípio fundamental: antes do diagnóstico está a pessoa — criada à imagem de Deus e chamada, como todos nós, à comunhão com Ele.

Isso muda nossa maneira de olhar.

Uma pessoa que cobre os ouvidos durante determinado momento da celebração, evita contato físico, movimentada repetidamente as mãos, prefere permanecer próxima à saída ou necessita retirar-se por alguns minutos pode não estar manifestando irreverência ou desinteresse. Pode simplesmente estar respondendo, à sua maneira, a uma sobrecarga sensorial ou procurando condições para conseguir permanecer no templo.

Surge então uma pergunta necessária: quanto daquilo que esperamos das pessoas dentro da igreja pertence verdadeiramente à reverência cristã e quanto corresponde apenas à maneira como estamos acostumados a vê-las comportar-se?

A reverência é necessária. A formação litúrgica também. Mas reverência não significa uniformidade. Atenção não significa necessariamente imobilidade. Comunhão não é sinônimo de facilidade para socializar. E uma maneira diferente de expressar emoções não significa ausência de fé ou de vida interior.



A própria estabilidade da tradição litúrgica ortodoxa pode ser particularmente significativa para algumas pessoas autistas. Os gestos retornam, as orações tornam-se familiares, o templo passa a ser reconhecido e o Ano Litúrgico oferece uma continuidade. Para algumas pessoas, essa previsibilidade pode favorecer sua participação; para outras, sons, incenso, multidões ou celebrações longas podem representar grande esforço. Por isso, não existem soluções universais: é preciso conhecer e escutar cada pessoa.

Talvez esteja justamente aí um novo chamado para nossa comunidade.

Se esses jovens estão chegando até nós, não queremos apenas dizer-lhes que são bem-vindos. Podemos começar a pensar também em um pequeno espaço de acolhimento na paróquia, ao qual alguém possa recorrer quando necessitar afastar-se momentaneamente da intensidade do templo, reorganizar-se e, quando possível, retornar à celebração.

Não seria um espaço para separar. Seria um espaço para ajudar a permanecer.

E talvez, aprendendo a acolher melhor as pessoas neurodivergentes, toda a comunidade aprenda algo sobre si mesma. Afinal, a Igreja não é a comunidade dos perfeitamente adaptados. É o Corpo de Cristo, no qual pessoas diferentes são chamadas à mesma comunhão, alimentadas pelo mesmo Cálice e conduzidas à mesma vocação: a santidade.

Texto elaborado a partir das reflexões do Pe. Spiridon Chasse em seu estudo *Ortodoxia, Liturgia e Autismo*.⁷



ENTRE AMIZADE, CONVIVÊNCIA E PARTILHA

Há encontros que, justamente por sua simplicidade, tornam-se parte preciosa da vida de uma comunidade. Assim acontece com o **Lanche São Nicolau**, que reúne senhoras de nossa Igreja e amigas da comunidade para algumas horas de convivência, conversa e amizade.

Ao longo do tempo, esses encontros tornaram-se uma agradável oportunidade de cultivar vínculos que ultrapassam os próprios limites da vida paroquial. Entre um café, uma lembrança compartilhada e as notícias das famílias, preserva-se algo muito importante: a amizade que aproxima pessoas, **atravessa os anos e faz com que tantas histórias permaneçam entrelaçadas à vida de nossa comunidade.**

Durante o mês de agosto, os encontros aconteceram no **Café Trompowsky**, em Florianópolis.

No dia **4 de agosto**, o **Lanche São Nicolau** foi oferecido por **Ceciliana Maria da Rocha Carvalho Pinto**, reunindo as amigas para mais uma tarde de confraternização.



Na **terça-feira seguinte, 11 de agosto**, foi a vez de **Nicoleta Theodoro Nicolacópulos Sabetzki** oferecer o encontro, dando continuidade a essa agradável tradição.



Já na tarde de **18 de agosto**, o lanche foi oferecido por **Alice (Lisa)**, da **família dos saudosos Evdoquia e Miguel**. A referência familiar recorda também uma característica desses encontros: neles, a convivência do presente encontra naturalmente a memória daqueles que fizeram parte da caminhada da comunidade.

UMA MESA QUE APROXIMA

A palavra **Filóptokos (Φιλόπτωχος)** expressa o amor e a solicitude para com aqueles que necessitam de cuidado. Essa disposição manifesta-se também nos pequenos gestos: perceber o outro, cultivar amizades, conservar vínculos e fazer-se presente.

Uma comunidade não vive somente de suas grandes celebrações. Ela se fortalece igualmente nesses momentos simples, quando há tempo para conversar, recordar e compartilhar a vida.

O **Lanche São Nicolau** continua sendo uma dessas ocasiões em que diferentes histórias se encontram à mesma mesa, renovando amizades e mantendo vivos os laços de afeto e proximidade construídos ao longo dos anos.



FRATERNIDADE, FÉ E SERVIÇO: OS PRIMEIROS PASSOS DOS JOVENS DE NOSSA COMUNIDADE

Meu nome é **Dionysios** e, a partir desta edição, recebi a alegria e também a responsabilidade de representar os jovens de nossa comunidade neste novo espaço de Kaló Mina.

Quando fui convidado para esta tarefa, minha primeira reação foi pensar se realmente estaria preparado. Afinal, ainda somos jovens, estamos aprendendo e temos muito caminho pela frente. Mas talvez seja justamente por isso que esta página faça sentido. Ela não pretende apresentar pessoas que já chegaram a algum lugar, mas jovens que **estão caminhando juntos e desejam colocar sua juventude nas mãos de Deus**.

Os jovens têm um papel importante na vida da Igreja. É entre eles que poderão florescer sacerdotes, missionários, monges, famílias cristãs, catequistas e tantas outras vocações. Mas não somos apenas o futuro da Igreja. **Somos também parte de seu presente**, chamados desde agora a participar de sua vida, servir e colocar os dons que recebemos de Deus a serviço dos irmãos.

São Paulo escreve ao jovem Timóteo: **“Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te modelo dos fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza”** (1Tm 4,12). Comentando essa passagem, São João Crisóstomo recorda que a juventude não constitui impedimento para a virtude. Ela pode ser, portanto, um tempo de verdadeira entrega a Deus.

É isso que desejamos aprender a viver.

Uma fraternidade que está crescendo

Existe entre nós algo muito precioso: **fraternidade**. Procuramos compartilhar as alegrias e as dificuldades uns dos outros, conversar, aprender, ajudar e crescer juntos.

Isso pode parecer simples, mas, num mundo em que estamos permanentemente conectados e, ao mesmo tempo, tantas vezes sozinhos, encontrar verdadeira comunhão é um grande dom.

Queremos que a Igreja seja realmente nossa casa e que nossa amizade tenha **Cristo no centro**.

Nos **dias 15, 22 e 29 de agosto**, realizamos nossos primeiros encontros catequéticos. Foram momentos de estudo, perguntas, conversa e aprofundamento da fé. Aos poucos, alguns daqueles que já caminharam um pouco mais começam também a ajudar os que estão chegando — especialmente neófitos e catecúmenos.

Há algo muito bonito nisso: **quem recebeu começa a aprender a oferecer**. O irmão que foi acolhido aprende a acolher; aquele que recebeu ajuda em seu caminho pode tornar-se instrumento para ajudar outro. Assim, de pessoa para pessoa, a vida da Igreja continua sendo transmitida.

Também queremos descobrir os diferentes dons existentes entre nossos jovens e aprender a colocá-los a serviço da comunidade. Porque um talento fechado em si mesmo pode tornar-se vaidade; **um dom oferecido a Deus transforma-se em serviço**.

Acima de tudo, queremos conservar uma fome: fome de Deus, da Verdade, de Cristo, do Amor, da Água Viva e do Pão da Vida. Como diz o Senhor: **“Se alguém tem sede, venha a Mim e beba”** (Jo 7,37).



SUBINDO JUNTOS

No Cambirela, uma simples caminhada tornou-se também experiência de fraternidade e oração. Antes da subida, os jovens confiaram a Deus seus passos, suas intenções e aqueles por quem desejavam interceder. E, enquanto o caminho avançava montanha acima, a paisagem recordava outra subida — aquela que acontece dentro de nós, quando procuramos elevar a mente e o coração para Deus.

É com esse mesmo desejo de caminhar juntos que nasce, nesta edição, a NEOLÉA: um novo espaço de Kaló Mina dedicado à voz, às experiências, às perguntas e à vida dos jovens de nossa comunidade.

*Ainda temos muito a aprender.
Mas também temos muito a oferecer.*



SUBINDO JUNTOS

No dia 22 de agosto, pela manhã, Makarios e eu, um jovem irmão da comunidade que tive a alegria de acompanhar em sua aproximação à Ortodoxia, subimos o **Morro da Cambirela** com alguns amigos.

Queríamos, porém, que aquela subida tivesse também um propósito espiritual.

Antes de começarmos, rezamos. Oferecemos a caminhada a Deus como um pequeno esforço, pedindo perdão por nossos pecados e colocando diante d'Ele os enfermos, os necessitados e aqueles por quem desejávamos interceder.

Enquanto subíamos, a própria montanha nos fazia recordar uma imagem muito presente na Sagrada Escritura. Moisés sobe o Sinai; Elias encontra o Senhor no Horeb; Cristo manifesta sua glória no Tabor. A montanha não significa que Deus esteja simplesmente “mais perto” no alto. A subida exterior pode, porém, recordar algo que precisa acontecer também dentro de nós: **eleva a mente, ordena o coração, vencer a dispersão e voltar-se para Deus.**

A vida espiritual também é uma subida.

Não subimos de uma só vez. Há passos, cansaço, pausas e momentos em que o cume parece ainda muito distante. Mas continuamos.

São João Clímaco utilizou justamente essa imagem em sua Escada da Ascensão Divina: a vida espiritual como caminho no qual aprendemos a combater as paixões, adquirir as virtudes, aprofundar a oração e dirigir toda a existência para Deus.

Naquele sábado, portanto, não éramos apenas jovens subindo uma montanha. **Éramos irmãos caminhando juntos.**

E talvez essa seja também uma boa imagem daquilo que desejamos para nossa Neolá: ninguém deveria caminhar sozinho.

O que queremos construir

Esperamos realizar outras caminhadas, encontros catequéticos e atividades que nos ajudem a participar cada vez mais profundamente da vida da Igreja. Queremos estudar, rezar, servir, conhecer nossa fé e descobrir os dons que Deus colocou em cada um de nós.

Não sabemos quais vocações poderão nascer entre esses jovens. Talvez alguns sejam chamados ao sacerdócio ou à vida monástica. Outros constituirão famílias cristãs. Outros poderão servir como catequistas, missionários ou em trabalhos que hoje nem sequer imaginamos.

Mas há algo que podemos fazer desde agora: **colocar nossa juventude nas mãos de Deus.**

Diante de uma sociedade marcada tantas vezes pela solidão, pela fragmentação e pela perda de sentido, não queremos responder apenas com críticas. Queremos responder com nossa própria vida.

Se existe individualismo, queremos oferecer **comunhão**. Se existe solidão, **fraternidade**. Se existe desespero, **esperança**. Se existe confusão, queremos buscar a **Verdade**. Se existe sede, queremos apontar para a **Água Viva**. Se existe fome, queremos apontar para o **Pão da Vida**.

Cristo disse aos seus discípulos: **“Vós sois o sal da terra [...] Vós sois a luz do mundo”** (Mt 5,13-14).

Nós não somos a Luz por nós mesmos. **A Luz é Cristo**. Mas somos chamados a recebê-la e permitir que ela ilumine também nossa vida.

Somos jovens e ainda temos muito a aprender. Mas também temos algo a oferecer.

Que Deus nos conceda a graça de não desperdiçar aquilo que recebemos; desperte as vocações que colocou em nossos corações; fortaleça aqueles que estão começando; sustente aqueles que estiverem cansados e conduza cada jovem que se aproximar de nossa comunidade para mais perto de Cristo.

E que, através desta pequena fraternidade, possa florescer algo muito maior do que nós mesmos.

Dionysios
Neolá — Juventude Ortodoxa



NEOLÉA | NEOLÉA



Uma juventude que caminha





NOSSA MEMÓRIA, UM PATRIMÔNIO PARA O FUTURO

Entre os trabalhos que a Associação Helênica de Santa Catarina vem acompanhando, um deles poderá representar um passo importante para a preservação e o conhecimento de nossa história.

Ao longo de mais de um século, a comunidade helênica de Florianópolis reuniu um valioso patrimônio de fotografias, documentos, relatos familiares e registros da vida comunitária, hoje distribuído entre diferentes fontes. Nosso desafio é reuni-lo de maneira organizada e torná-lo progressivamente acessível à pesquisa.

Entre essas fontes está o livro **Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis**, publicado em 2003 por Paschoal Apóstolo Pítsica. A ele estão sendo associados mais de **80 exemplares do antigo boletim Kalimera**, as edições de **Kaló Mina**, os dados do projeto **Genealogia** e o conteúdo histórico preservado no **site da Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau**.

Mais do que digitalizar documentos, pretendemos construir uma **base de memória e pesquisa**, relacionando pessoas, famílias, datas, fotografias, acontecimentos e instituições às respectivas fontes. Assim, descendentes, pesquisadores e interessados poderão não apenas encontrar informações, mas conhecer sua procedência.

A reconstrução de nossa árvore genealógica já é uma expressão desse esforço e deverá integrar esse conjunto maior.

Pretendemos apresentar uma primeira grande etapa desse trabalho no próximo **21 de setembro, Dia Nacional do Imigrante Grego**, transformando a memória recebida em patrimônio também para as futuras gerações.

Preservar nossa história é mais do que olhar para o passado: é permitir que ela continue falando ao futuro.



Andreas E. Karabalis

PRESIDENTE (2025-2027)



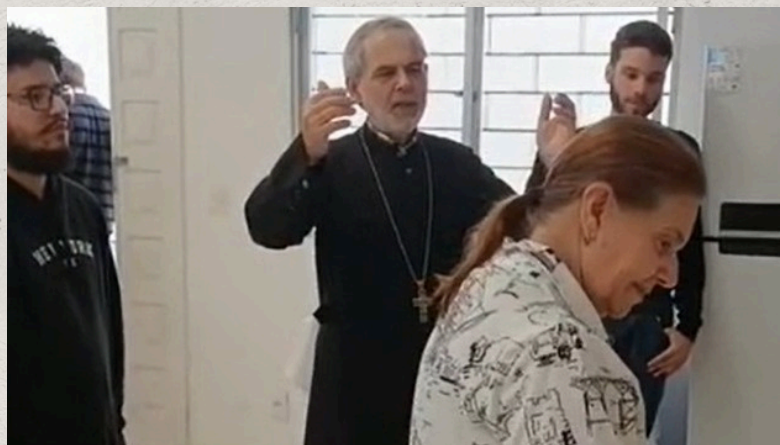
CONFRATERNIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE NA FESTA DA DORMIÇÃO

No domingo, 16 de agosto, a comunidade reuniu-se no Salão Paroquial da Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau para um almoço beneficente promovido pela Associação Helênica de Santa Catarina, por ocasião das celebrações da Dormição da Santíssima Theotokos.

Após a Divina Liturgia, paroquianos, membros da coletividade helênica, familiares e amigos compartilharam um agradável momento de confraternização em torno de um cardápio inspirado na tradição grega, com **pastítsio e salada horiátiki**. Antes da refeição, Mons. André Sperandio, reitor da Paróquia, proferiu a oração de bênção e ação de graças.

Além de proporcionar o encontro e fortalecer os vínculos de amizade que unem a comunidade, o almoço teve caráter beneficente, com a arrecadação destinada às obras de reforma das instalações sanitárias da Igreja São Nicolau.

Os registros destas páginas guardam um pouco da alegria daquele domingo, em que celebração, convivência e solidariedade mais uma vez se encontraram à mesma mesa. Fica também registrada a gratidão da comunidade à Associação Helênica, aos que trabalharam na preparação do almoço e a todos aqueles que, participando e contribuindo, ajudaram a transformar o encontro em gesto concreto de cuidado com nossa Igreja.





Associação Helênica de Santa Catarina (AHSC)



PIONEIROS

21 DE SETEMBRO

A CHEGADA QUE SE TORNOU MEMÓRIA DO BRASIL

Há 143 anos, o Capitão Savas Nicolau Savas chegava à Ilha de Santa Catarina.

Kastellórizo (Megísti), terra de origem de muitos dos pioneiros da comunidade helênica de Florianópolis.

Em 21 de setembro de 1883, o Capitão Savas Nicolau Savas chegava à Ilha de Santa Catarina. Com ele, começava a ser escrita uma história de imigração, trabalho, fé e esperança que atravessaria gerações e lançaria as raízes da comunidade helênica de Florianópolis.

Os primeiros gregos fizeram desta terra seu novo lar. Trouxeram consigo sua língua e suas tradições, a memória de Kastellórizo e, inseparavelmente, a fé cristã ortodoxa. Das primeiras famílias nasceria uma comunidade; da comunidade surgiriam suas primeiras instituições, entre elas, em 1920, a Irmandade Greco-Orthodoxa São Constantino.

Mais de um século depois, aquela chegada alcançou uma dimensão nacional: desde 2024, por força da Lei Federal nº 14.884, o dia 21 de setembro é celebrado oficialmente como o Dia Nacional do Imigrante Grego.

Neste mês, ao celebrarmos os 143 anos da chegada do Capitão Savas, Kaló Mina volta às origens para recordar os homens e mulheres que lançaram as primeiras sementes desta comunidade e a herança que permanece viva entre nós.

Nas páginas seguintes, conheça a trajetória de nossos pioneiros — de Kastellórizo a Florianópolis, da chegada dos primeiros imigrantes à formação da comunidade e das instituições que preservam sua memória até os nossos dias.

«Que suas memórias sejam eternas!»



21 DE SETEMBRO: DE DESTERRO PARA A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO GREGA NO BRASIL

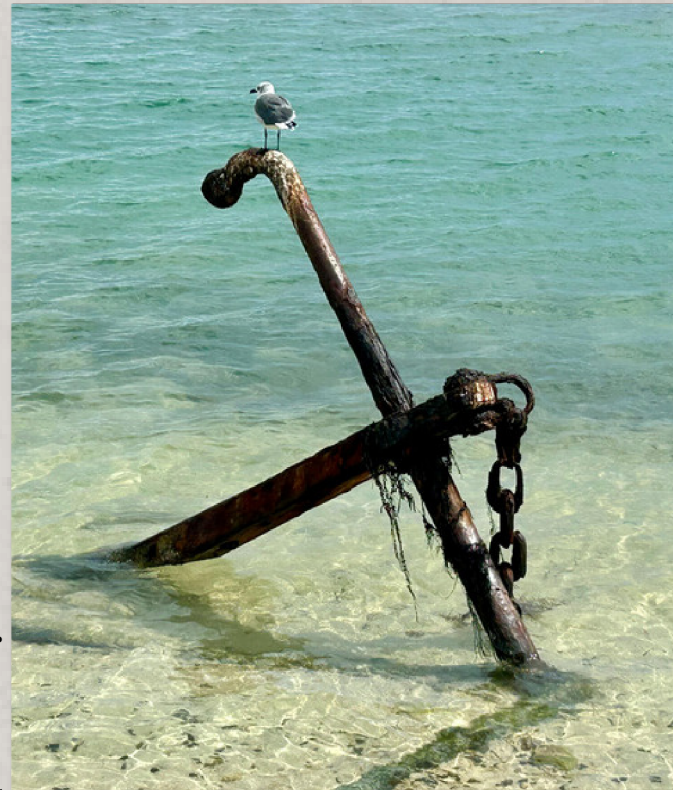
Há 143 anos, a chegada do Capitão Savas Nicolau Savas à Ilha de Santa Catarina lançava as primeiras sementes de uma comunidade. Hoje, a data daquele acontecimento — 21 de setembro — é celebrada em todo o território brasileiro como o Dia Nacional do Imigrante Grego.

DNo dia 21 de setembro de 1883, começava em Florianópolis uma história que ultrapassaria os limites da Ilha de Santa Catarina e, mais de um século depois, seria reconhecida pelo próprio Estado brasileiro como parte da memória nacional da imigração.

Naquele ano, o **Capitão Savas Nicolau Savas**, proveniente de Kastellórizo, chegou pela primeira vez ao continente sul-americano. Ao regressar de Montevideu, visitou a então cidade de Desterro, na Ilha de Santa Catarina, deixando aqui alguns gregos. Em 1887, depois de nova passagem pela Europa, Savas retornaria à América do Sul; e, em 1889, estabeleceu-se definitivamente em Desterro, trazendo consigo seus pais, Nicolau e Eudoquia Savas, seu irmão Miguel Savas e seu cunhado, o médico Dr. Constantino Nicolau Spyrides.

Começava a criar raízes, assim, uma comunidade cuja memória permanece viva até nossos dias.

O antigo documento comemorativo “Os Pioneiros”, preservado pela Associação Helênica de Santa Catarina, reconhece como fundadores aqueles que chegaram entre 1883 e 1906. Ao lado do Capitão Savas, recorda nomes como Jorge Agapito Iconomos, Paschoal Apóstolo Pítsica, Constantino Garofalis, Zafírios Bersou, Savas Nicolau Siridakis,



Nicolau Barba HatziSavas, Constantino Spyrides, João Kotzias, Savas João Joanides, Nicolau Constantino Tzelikis, Antonio A. Athanásio, Pantaleão Miguel Fermanis, Jorge Theodócio Atherino, Syríaco Christobal, Syríaco Theodócio Atherino e Demétrio Stratinis, juntamente com esposas e filhos que constituíram os primeiros núcleos familiares da colônia.

Não eram apenas nomes inscritos numa lista de imigrantes. Eram homens, mulheres e crianças que deixavam para trás sua terra natal e traziam consigo a língua, os costumes, a memória familiar e, inseparavelmente, a fé cristã ortodoxa de seus antepassados.



Os Pioneiros

Memórias da presença grega
em Florianópolis

DE KASTELLÓRIZO À ILHA DE SANTA CATARINA

Entre a pequena ilha grega de **Kastellórizo**, no extremo oriental do Mediterrâneo, e a Ilha de Santa Catarina havia um oceano inteiro. Entretanto, ao longo dos anos seguintes, esse caminho seria percorrido por muitos outros.

A presença do Capitão Savas foi determinante. Em **1890**, chegaram a Desterro Estefano Savas, Agapito Iconomos e Nicolau Tzelikis, que passaram a comandar embarcações de sua propriedade. Paralelamente à formação da colônia, Savas tornou-se personagem conhecido da vida econômica e social catarinense: estabeleceu casa comercial, dedicou-se à navegação, desenvolveu atividades agropecuárias e manteve relações comerciais com outros portos brasileiros, Montevidéu e Buenos Aires.

Mas talvez uma de suas contribuições mais duradouras tenha sido justamente aquela que não pode ser medida apenas por empreendimentos comerciais ou propriedades: **atrair outros gregos e possibilitar que aqui constituíssem uma comunidade.**

Em **1912**, essa presença adquiriu nova dimensão. Os registros históricos da comunidade assinalam a chegada a Florianópolis de **trinta famílias gregas vindas de Kastellórizo**, a convite do Capitão Savas. Parte delas passou a trabalhar em suas propriedades, sobretudo em Serraria e Massiambu.

Quase três décadas haviam transcorrido desde aquela primeira chegada de 1883. Os pioneiros já não eram indivíduos dispersos numa terra estrangeira. Havia famílias, relações de parentesco e amizade, memória compartilhada, língua, costumes e fé comuns.

Havia, enfim, uma comunidade.

1920: NASCE A IRMANDADE GRECO-ORTHODOXA SÃO CONSTANTINO

Esse crescimento conduziria naturalmente a um passo decisivo.

Em **1920**, foi constituída a primeira entidade civil organizada da comunidade: a «**Irmandade Greco-Orthodoxa São Constantino**». A própria memória institucional preservada pela comunidade identifica-a como sua primeira entidade civil constituída.

O nome escolhido merece atenção.

A primeira organização formal daqueles imigrantes não se apresentava simplesmente como associação de estrangeiros ou sociedade recreativa. Chamava-se **Greco-Orthodoxa**. Em sua própria denominação encontravam-se reunidas duas dimensões fundamentais da identidade trazida pelos pioneiros: sua **herança helênica e sua fé ortodoxa.**

Também a escolha do patrono era carregada de memória. **São Constantino era o patrono de Kastellórizo**, terra de origem de muitos daqueles primeiros gregos. Ao colocarem sua Irmandade sob sua proteção, os imigrantes estabeleciam uma ponte espiritual entre a ilha que haviam deixado no Mediterrâneo e a ilha na qual agora construíam suas vidas no sul do Brasil.

A criação da Irmandade revela, portanto, uma transformação decisiva: a colônia formada pelo esforço dos pioneiros começava a adquirir **continuidade institucional.**

Quando o Capitão Savas faleceu, em **2 de outubro de 1926**, essa realidade já era visível. Seus funerais reuniram representantes do Governo e de diferentes setores da sociedade catarinense, membros da colônia grega e representantes do comércio. Os registros mencionam, entre os presentes, a **Diretoria da Associação Helênica de São Constantino.**



Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis

Savas partia, mas aquilo que ajudara a plantar já não dependia apenas dele.

A comunidade permanecia.

DA IRMANDADE À IGREJA SÃO NICOLAU

A semente continuaria a crescer.

Em **26 de setembro de 1936**, seria fundada uma segunda entidade, a **Irmandade Grego-Ortodoxa São Nicolau**, dedicada ao santo protetor dos navegantes e homens do mar. Naquele mesmo ano, a Irmandade adquiriu o terreno e iniciou a construção do templo na Rua Tenente Silveira, procurando reproduzir elementos da arquitetura das igrejas gregas de Kastellórizo. Décadas depois, em **1963**, seriam **concluídas as obras da Igreja de São Nicolau** e do Salão Paroquial, e o templo seria consagrado pelo **Bispo Timóteo de Buenos Aires**.

Existe, portanto, uma linha histórica que não deveria ser esquecida:

os pioneiros tornaram-se famílias; as famílias formaram uma colônia; a colônia organizou uma Irmandade; e aquela vida comunitária ajudou a tornar possível a edificação da Igreja que ainda hoje reúne seus descendentes e todos aqueles que nela encontraram sua casa espiritual.

Essa história atravessaria todo o **século XX**. No ano **2000**, as estruturas comunitárias seriam novamente reorganizadas, com a **união da Associação Helênica de Santa Catarina e da Irmandade Greco-Ortodoxa São Nicolau** e a regularização jurídico-administrativa do patrimônio onde se encontra o templo.

Mas as raízes permaneciam as mesmas.

21 DE SETEMBRO TORNA-SE UMA DATA NACIONAL

Mais de 140 anos depois da chegada daqueles primeiros gregos, um acontecimento conferiu à história iniciada em Florianópolis uma dimensão ainda maior.

Em **11 de junho de 2024**, foi sancionada a **Lei Federal nº 14.884**, instituindo oficialmente **21 de setembro como o Dia Nacional do Imigrante Grego**, a ser celebrado anualmente em todo o território brasileiro.

A escolha dessa data não foi casual.

Ao noticiar a promulgação da Lei, tanto a Câmara dos Deputados quanto o Senado Federal relacionaram expressamente o **21 de setembro à chegada do Capitão Savas em 1883 e aos primeiros gregos estabelecidos em Santa Catarina**. Em registro posterior do Senado, a razão histórica aparece novamente explicitada: a data nacional foi escolhida em referência à primeira chegada dos gregos a Florianópolis, em 1883.

Assim, uma data que durante gerações pertenceu sobretudo à memória da comunidade helênica catarinense passou a pertencer ao **calendário oficial de todo o Brasil**.

Há nisso algo profundamente significativo.

Quando celebramos, neste **21 de setembro de 2026**, os **143 anos da chegada do Capitão Savas**, não estamos apenas recordando um episódio remoto da história de nossa comunidade. Celebramos também o **Dia Nacional do Imigrante Grego**, instituído precisamente para perpetuar a memória da presença helênica e de sua contribuição para a formação da sociedade brasileira.



Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis

O porto de Desterro transformou-se, assim, simbolicamente, numa das portas pelas quais a história dos gregos entrou na memória do Brasil.

MEMÓRIA QUE PERMANECE VIVA

O documento histórico que inspirou esta edição de **Pioneiros** começa homenageando aqueles que, procedentes de Kastellórizo e de outros lugares da Grécia, chegaram à “Ilha de Sol e Mar” e aqui plantaram o marco inicial de uma comunidade. E conclui com uma expressão particularmente cara à tradição ortodoxa:

«Que suas memórias sejam eternas!»

Hoje, essas palavras adquirem uma força especial.

A memória daqueles homens e mulheres permanece nos sobrenomes de seus descendentes; nas histórias transmitidas pelas famílias; na Associação Helênica; na Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau; nas tradições conservadas e transmitidas; e também nos muitos brasileiros, sem ascendência grega, que vieram depois e encontraram nesta comunidade a fé ortodoxa e passaram a fazer parte de sua história.

Desde 2024, porém, essa memória ganhou também uma inscrição no calendário nacional. Todos os anos, quando o Brasil chegar ao **21 de setembro**, a data recordará a imigração grega e, com ela, aquele acontecimento ocorrido nesta Ilha em **1883**.

Mas as raízes permaneciam as mesmas.

Entre a pequena **Kastellórizo** e a antiga **Desterro** havia milhares de quilômetros. Os pioneiros atravessaram essa distância levando pouco mais que aquilo que podiam carregar consigo.

Aqui trabalharam, constituíram famílias, enfrentaram dificuldades, prosperaram, reuniram-se e procuraram transmitir aos filhos aquilo que haviam recebido.

Em 1920, deram a essa comunidade uma de suas primeiras formas institucionais, a **Irmandade Greco-Orthodoxa São Constantino**.

Em 1936, uma nova geração iniciou a obra da **Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau**.

E, **143 anos** depois da chegada do Capitão Savas, aquela história continua.

Por isso, neste mês de setembro, ao celebrarmos o **Dia Nacional do Imigrante Grego**, rendemos nossa homenagem a todos aqueles que deram os primeiros passos.

Aos nossos pioneiros, eterna memória!





A MOCHILA

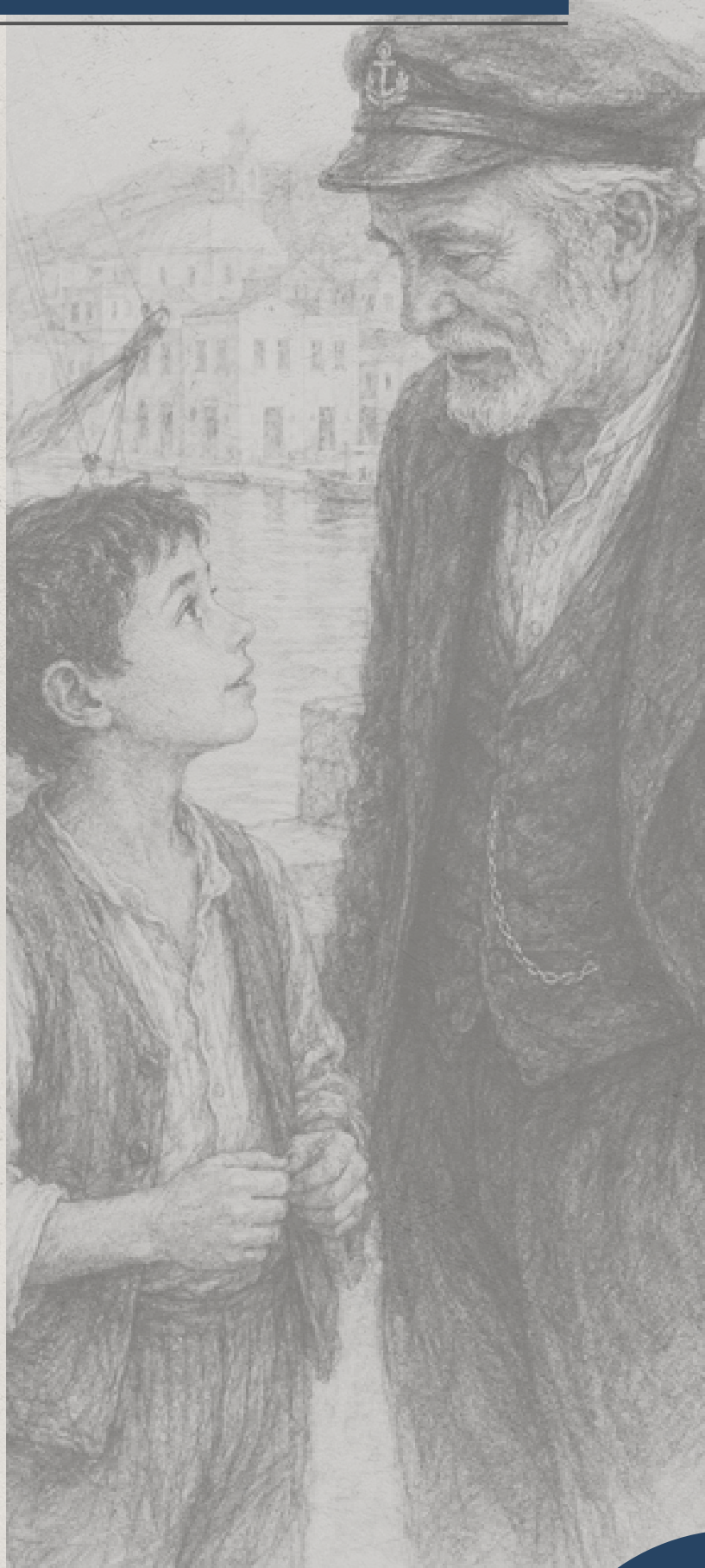
(Ο Αφύλακας)

CHRISTINA EFSTRATIOU

“Às vezes, os maiores sonhos de uma criança cabem dentro de uma pequena mochila.

O pequeno Kyriakos mal conseguia ser sustentado pelo pai, juntamente com os outros cinco irmãos. O homem possuía uma pequena embarcação e, com ela, lutava para garantir o pão de cada dia. Fazia viagens transportando mercadorias até o porto e, por vezes, atravessava para as costas da Ásia Menor, levando e trazendo produtos por conta dos comerciantes. Com isso, conseguia apenas o necessário para a sobrevivência de sua família. Kyriakos tinha dez ou onze anos. Sempre que podia, fazia pequenos serviços no mercado para ganhar algumas moedas e levá-las para casa. Mesmo assim, jamais faltava à escola. Essa era a sua grande paixão e, talvez, também o consolo que encontrava em meio à pobreza. Era o primeiro da classe. Quando algum colega não sabia responder às perguntas do professor, a mão de Kyriakos era sempre a primeira a se levantar. Não desperdiçava nem mesmo um pedaço de papel. Recolhia as folhas que encontrava pelo caminho, assim como as penas e tudo aquilo que pudesse servir para escrever. E, quando encontrava algum livro, não o deixava de lado antes de lê-lo.

— Esse menino me preocupa — dizia sua mãe, que, naturalmente, pensava também nas limitações da família. — O pobre coitado vive olhando para as coisas que não podemos lhe dar...





E imaginava o futuro do filho. Faltavam-lhes recursos para mandá-lo até Atenas, para que pudesse tornar-se professor, médico ou qualquer outra coisa. Os outros poderiam seguir seus estudos; eles, porém, eram gente pobre. O que seria daquele menino? Acabaria embarcando para alguma América, para alguma Austrália, ou talvez conseguisse algum emprego que lhe permitisse progredir. Isso, ao menos, parecia-lhe mais provável.

Quando não tinha o que fazer, Kyriakos passeava pelo mercado e chegava até Kordóni, junto ao mar. Ali, de praia em praia, aproximava-se das pequenas embarcações dos capitães. Se estavam preparando alguma coisa no barco, ele carregava o que fosse necessário: uma corda, um pouco de tecido, mantimentos ou qualquer outro objeto de que precisassem para a viagem.

Era assim que Kyriakos encontrava oportunidade de mostrar espontaneamente toda a bondade que trazia dentro de si. Estava sempre pronto a aliviar-lhes o peso, sem esperar qualquer recompensa.

Certo dia, um dos capitães, o Capitão Giorgis, disse-lhe:

— Ora, Kyriakos, não aceitas uma moeda? Nem mesmo um doce me deixas oferecer-te? Que menino és tu? Deixa que também nós façamos alguma coisa por ti!

— Não, Capitão, não quero nada!

— Pois bem! Estou partindo agora e volto de Alexandria. Quero, então, que me digas o que deseja teu coração, para que eu possa trazer-te. Ao ouvir aquelas palavras, Kyriakos saltou de alegria. Parecia que esperara por aquela pergunta a vida inteira.

— Ah, meu Capitão! Se pudesse trazer-me uma mochila de couro, dessas que algumas crianças levam para nossa escola, faria de mim o menino mais feliz do mundo! Sabe, Capitão, daquelas que têm uma pequena fechadura para guardar meus dois livrinhos e meus caderninhos. Uma mochila com duas alças... Mas, se nela não couberem meus livros, então prefiro aquela outra, a de couro, porque é bonita, firme e tem muitas divisórias, como lhe dizem...

E continuou, tomado pelo entusiasmo:

— Eu queria uma mochila onde pudesse colocar muitos livros e cadernos. Cadernos de verdade, não como estes que minha mãe compra para mim, com apenas dez folhinhas e uma capa fininha, que logo se solta junto com as folhas. Lá em Alexandria, onde o senhor vai, deve haver muitas dessas. Dizem que o mar por lá parece um oceano, enquanto aqui forma uma baía profunda e depois se abre para o mar... Sim, como as ondas! E brilhante também, como quando o mar está tranquilo e parece vidro... De repente, percebeu que se deixara levar pelos próprios sonhos.

— Desculpe-me, Capitão. Comecei falando da mochila e acabei me perdendo... O que quero dizer é que, se o senhor puder, traga-me uma mochila de couro. Não peço duas alças, nem fechadura, nem nada disso. Basta que caibam meus livros. Eu ficaria muito feliz.

O Capitão Giorgis sorriu.

— Ora, Kyriakos! É isso que queres? Não te preocupes. Terás tudo como desejas quando eu voltar. Tudo! E que possas sempre ter êxito em teus estudos, meu filho.

Os anos passaram, e chegou 1923.

Numa rua de uma grande cidade da Austrália, desenrolou-se então a seguinte cena:

— Capitão Giorgis!

— Kyriakos!...

Kyriakos reconheceu imediatamente o velho e querido capitão de sua terra. Encontrou-o, porém, pálido e um pouco curvado pelo peso dos anos.

— Sim, meu rapaz. Aquele que não conseguiu tornar-se médico nem professor — respondeu o professor de cabelos grisalhos, Kyriakos.

— Venha cá, meu Kyriakos! E então, teu trabalho vai bem? Estás satisfeito? Meu filho, ninguém consegue escapar da sorte que lhe reservaram nossos pais.

— Sim, o senhor tem razão. Mas quero saber primeiro o que aconteceu com o senhor. Eu ainda estava em nossa terra quando chegou a notícia de que os italianos haviam tomado três de nossas embarcações como espólios de guerra.



— Nós não soubemos disso, meu Kyriakos. Quando partimos de Alexandria, a guerra entre a Itália e a Turquia já havia sido declarada. E, no meio do mar, encontramos os italianos. Havíamos içado a bandeira turca.

“Dissemos a eles: ‘Mas nós somos cristãos, não somos turcos!’

“Não adiantou.

“O navio de vocês leva a bandeira turca’, responderam.

“E, para não me alongar, meu filho, não nos devolveram nossos barcos. Se quiseses saber, levaram também nossa própria vida. Conduziram-nos até um porto de Argel e ali nos mantiveram presos durante três meses. Éramos três capitães, os três chefes de família, alguns com filhas já em idade de casar, e acabamos sem nada além das roupas que vestíamos.

“Fizemos muitas tentativas para que nos devolvessem nossos barcos. Mandamos nossas mulheres pedir até à rainha que tivesse piedade de nós. Mas nada aconteceu.

“Depois veio a Primeira Guerra Mundial, e ela acabou também com aqueles que ainda possuíam embarcações. As circunstâncias tornaram-se tão difíceis que, para manter os barcos atracados, era preciso pagar até mesmo por isso.

“E a Grécia? Não me pergunes. Pouco antes eu estava sem rumo, perdido em meio àquela fuga da Ásia Menor. Alguns dos nossos, que ainda possuíam alguma coisa, conseguiram começar novamente, mesmo que com dificuldade. Mas eu, meu Kyriakos, já não tinha nada para vender. O que me restava fazer?

“Foi por isso que vim parar aqui. Mesmo que seja para trabalhar como operário, pelo menos consigo enviar todos os meses algum dinheiro à minha família. Entendes?”

Kyriakos procurou confortá-lo:

— Não fique triste, Capitão Giorgis. Tudo há de ficar bem. Algum trabalho também hei de encontrar para o meu bom Capitão Giorgis...

Então sorriu, como se por um instante voltasse a ser o menino de Kastellorizo:

— E o senhor ainda me deve uma mochila de couro, não é?

O velho capitão olhou para ele.

— Não me digas nada, meu filho... Não me digas nada. Em minha grande tristeza, muitas vezes pensei em ti e naquela mochila de que me falavas. Mas agora que estás diante de mim, parece-me que tu mesmo te tornaste uma mochila.

E continuou, contemplando o antigo menino que agora tinha diante de si:

— E quantas coisas deves carregar aí dentro! Quantos tesouros guardas em ti, meu filho!

Fonte — EFSTRATIADOU, Christina D. EFSTRATIADOU, Christina D. “Ο Αφύλακας” [A Mochila]. In: Αφηγήματα και ιστορήματα του Καστελλορίζου [Narrativas e histórias de Kastellórizo]. Livro B, série Biblioteca Kastelloriziana, n. 4. Atenas: Sigma EPE, 1987, p. 35–36. Edição da Associação dos Kastellorizianos de Todo o Mundo “São Constantino”. Tradução do grego e adaptação editorial para o Kaló Mina.

Fonte — EFSTRATIADOU, Christina D. “Τὰ σκουλαρίκια” [Os brincos]. In: Αφηγήματα και ιστορήματα του Καστελλορίζου [Narrativas e histórias de Kastellórizo]. Livro B. Atenas: Sigma EPE, 1987, p. 37–39. Tradução do grego e adaptação editorial para o Kaló Mina.

Referência bibliográfica: [registro da obra no Palaio vivliopoleío Níkos Chrysós](#)



Sabores para receber a primavera Gemistá & Portokalópita

Cores, aromas e sabores da Grécia para celebrar a chegada da nova estação

Com setembro, a primavera começa a transformar a paisagem brasileira — e também pode trazer novas cores à nossa mesa. A cozinha grega, profundamente ligada aos frutos da terra e às estações, oferece receitas que combinam especialmente bem com esse tempo mais luminoso.

Nesta edição, escolhemos dois clássicos: o **Gemistá**, com legumes recheados de arroz, ervas e azeite, e a perfumada **Portokalópita**, sobremesa de laranja e massa filo embebida em calda. Dois sabores muito diferentes, unidos pela simplicidade e pelos aromas do Mediterrâneo.

Γεμιστά | GEMISTÁ

Legumes recheados à moda grega

Gemistá (γεμιστά) significa simplesmente “recheados”. Tomates e pimentões são os mais tradicionais, embora abobrinhas e berinjelas também possam entrar na assadeira. Na versão sem carne, o recheio de arroz, ervas e polpa dos próprios legumes resulta num prato aromático, colorido e tipicamente mediterrâneo.

Ingredientes

- 4 tomates grandes e maduros
- 4 pimentões médios
- 1 xícara de arroz
- 1 cebola grande picada
- polpa retirada dos tomates
- 2 colheres (sopa) de salsa fresca picada
- 2 colheres (sopa) de hortelã fresca picada
- azeite de oliva extravirgem
- sal e pimenta-do-reino
- 2 a 3 batatas cortadas em gomos
- um pouco de água, se necessário

Modo de preparo

1. Corte uma tampa na parte superior dos tomates e pimentões. Retire cuidadosamente a polpa dos tomates e reserve. Limpe o interior dos pimentões, conservando-os inteiros.
2. Refogue a cebola em azeite até ficar macia. Acrescente o arroz e a polpa dos tomates picada ou triturada. Tempere com sal e pimenta e cozinhe por alguns minutos. Retire do fogo e misture a salsa e a hortelã.
3. Recheie os legumes sem compactar demais o arroz, pois ele aumentará de volume durante o cozimento. Recoloque as tampas e disponha tudo em uma assadeira. Distribua os gomos de batata entre os legumes, regue generosamente com azeite e acrescente um pouco de água ao fundo.
4. Asse em forno preaquecido a **180 °C**, por aproximadamente 1 hora a **1 hora e 20 minutos**, até que os legumes estejam bem assados e o arroz cozido.
5. À maneira grega: deixe o Gemistá repousar antes de servir. Morno ou em temperatura ambiente, seus sabores tornam-se ainda mais pronunciados. Um pedaço de feta ao lado completa muito bem o prato.





Receitas do *Kalimera*



Sabores gregos para aquecer a mesa

Πορτοκαλόπιτα | PORTOKALÓPITA

Torta grega de laranja

A Portokalópita (Πορτοκαλόπιτα) é uma das sobremesas mais perfumadas da cozinha grega. Seu nome reúne portokáli — laranja — e píta — torta. Em lugar de uma massa convencional, utiliza folhas de massa filo, que absorvem uma mistura cremosa aromatizada com laranja e, depois de assadas, recebem uma delicada calda cítrica.

Ingredientes

(Para a torta)

- 1 pacote de massa filo (aprox. 400–450 g)
- 3 ovos
- 200 g de iogurte grego natural
- 150 g de açúcar
- 150 ml de óleo de sabor neutro
- raspas de 2 laranjas
- 150 ml de suco de laranja
- 1 colher (sopa) de fermento químico

(Para a calda)

- 250 ml de água
- 250 g de açúcar
- suco e casca de 1 laranja
- 1 pequeno pedaço de canela em pau, opcional

Modo de preparo

1. Comece pela calda. Leve ao fogo a água, o açúcar, o suco, a casca da laranja e, se desejar, a canela. Ferva por alguns minutos e deixe esfriar completamente.
2. Separe as folhas de massa filo e deixe-as secar ao ar até ficarem quebradiças. Depois, despedace-as grosseiramente com as mãos.
3. Em uma tigela, bata os ovos com o açúcar. Junte o iogurte, o óleo, o suco e as raspas de laranja. Acrescente o fermento e, aos poucos, incorpore os pedaços de massa filo, procurando distribuí-los uniformemente.
4. Transfira para uma assadeira untada e asse a 180 °C por cerca de 40–45 minutos, ou até a superfície ficar dourada.

5. Retire do forno e, ainda quente, regue aos poucos com a calda já fria, permitindo que seja absorvida antes de acrescentar mais.
6. Deixe descansar antes de cortar.
7. Para servir: uma pequena fatia de laranja fresca ou um pouco de iogurte grego acompanha muito bem a Portokalópita. Servida fria, torna-se uma sobremesa especialmente agradável para os dias mais luminosos da primavera.



Você sabia

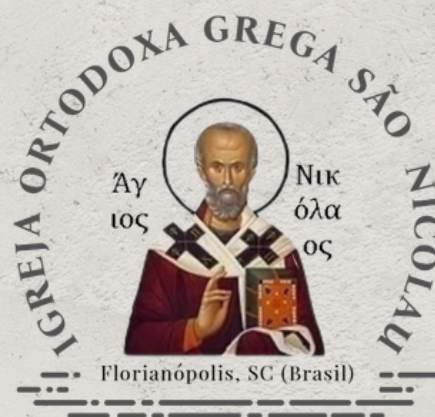


O **Gemistá** e a **Portokalópita** têm algo curioso em comum: seus nomes dizem, de maneira muito simples, o que encontramos à mesa. Em grego, gemistá (γεμιστά) significa “**recheados**” e designa uma família de legumes preparados com diferentes recheios — tomates e pimentões estão entre os mais conhecidos. Já **Portokalópita** (πορτοκαλόπιτα) combina **portokáli** (πορτοκάλι), “**laranja**”, com **píta** (πίτα), “**torta**”. Outra particularidade da **Portokalópita** é o uso da massa filo despedaçada, incorporada ao preparo em vez de formar apenas camadas. Dois pratos muito diferentes que revelam uma característica da cozinha grega: transformar ingredientes simples em sabores marcantes.

AGENDA

LITÚRGICO-PASTORAL

SETEMBRO-2026



DIA	DOMINGO / FESTA	OFÍCIOS DIVINOS	
6	14º Domingo de Mateus	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Mc 16,9-20 Ep.: 2Cor 1,21-24; 2,1-4 Ev.: Mt 22,2-14 Modo Plagal 1º • Eothinon 3
8	Natividade de nossa Santíssima Senhora, a Theotokos e Sempre Virgem Maria	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Lc 1,39-49;56 Ep.: Fl 2,5-11 Ev.: Lc 10,38-42; 11,27-28 (Modo Próprio)
13	Domingo Antes da Exaltação da Venerável e Vivificante Cruz	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Lc 24,1-12 Ep.: Gl 6,11-18 Ev.: Jo 3,13-17 Modo Plagal 2º • Eothinon 4
14	Exaltação da Venerável e Vivificante Cruz	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Jo 12,28-36 Ep.: 1Cor 1,18-24 Ev.: Jo 19,6-11.13-20.25-28.30 (Modo Próprio)
20	Domingo após a Exaltação da Venerável e Vivificante Cruz	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Lc 24,12-35 Ep.: Gl 2,16-20 Ev.: Mc 8,34-38; 9,1 Modo Grave • Eothinon 5
27	1º Domingo de Lucas	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Lc 24,36-53 Ep.: 2Cor 6,16-18; 7,1 Ev.: Lc 5,1-11 Modo Plagal 4º • Eothinon 6

